



CLARA RODRIGUES DO CARMO

**ATIVIDADE DOCENTE, ALIMENTAÇÃO E SONO DE PROFESSORES E DE  
ALUNOS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO DO AUTISMO (TEA) ANTES E  
DURANTE A PANDEMIA POR COVID-19, NO MUNICÍPIO DE MAZAGÃO NO  
ESTADO DO AMAPÁ, BRASIL**

Dissertação de Mestrado em Ciências da Educação: Educação Especial,  
Domínio Cognitivo e Motor

Universidade Fernando Pessoa

Porto, 2022

CLARA RODRIGUES DO CARMO

**ATIVIDADE DOCENTE, ALIMENTAÇÃO E SONO DE PROFESSORES E DE  
ALUNOS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO DO AUTISMO (TEA) ANTES E  
DURANTE A PANDEMIA POR COVID-19, NO MUNICÍPIO DE MAZAGÃO NO  
ESTADO DO AMAPÁ, BRASIL**

Dissertação apresentada à Universidade Fernando Pessoa como parte dos requisitos para obtenção do grau de Mestre em Ciências da Educação: Educação Especial, Domínio Cognitivo e Motor, sob a orientação da Prof<sup>a</sup> Doutora Raquel Silva e coorientação do Prof. Doutor Francisco Saavedra.

Atesto a originalidade do trabalho: \_\_\_\_\_

## **Resumo**

O presente trabalho teve por objetivo geral avaliar a atividade e as estratégias que os professores brasileiros utilizam com os seus alunos com necessidade educativas especiais (NEE) e conhecer os hábitos de sono e alimentares destes professores e dos seus alunos, antes e durante a pandemia pelo Coronavirus (COVID-19). Enquanto metodologia, o método utilizado fora o hipotético-dedutivo, com abordagem qualitativa e quantitativa, através de pesquisa bibliográfica e de campo com aplicação de questionário online, através do google forms. Com a pesquisa constatou-se que a atividade docente sofreu impactos com a pandemia do COVID-19, sendo que tal impacto também foi observado fora da vida profissional, pois os entrevistados reportaram mudanças nos seus hábitos diários de vida e de atividade docente. Tais mudanças também fora constatadas na vida dos alunos.

**PALAVRAS-CHAVE:** Necessidades educativas especiais, Transtorno do Espectro Autista, Sono, Alimentação.

## **Abstract**

The present work had the general objective of evaluating the activity and strategies that Brazilian teachers use with their students with special educational needs (SENs) and knowing the sleeping and eating habits of these teachers and their students, before and during the pandemic by Coronavirus (COVID-19). As a methodology, the method used was hypothetical-deductive, with a qualitative and quantitative approach, through bibliographic and field research with the application of an online questionnaire, through google forms. With the research, it was found that the teaching activity was impacted by the COVID-19 pandemic, and this impact was also observed outside professional life, as the interviewees reported changes in their daily habits of life and teaching activity. Such changes had also been observed in the students' lives.

**KEYWORDS:** Special educational needs, Autism Spectrum Disorder, Sleep, Food.

## **Dedicatória**

*Dedico a minha família, especialmente, a minha mãe,  
meus filhos e minha irmã Lucicarme (in memorian).*

## **Agradecimentos**

Agradeço a todos que ajudaram direta ou indiretamente para realização deste trabalho, mas não poderia deixar de citar a minha orientadora Professora Doutora Raquel Silva e o meu co-orientador Prof<sup>o</sup>. Doutor Francisco Saavedra por terem ontribuído com suas valorosas orientações em cada etapa deste trabalho. Estendo os agradecimentos aos demais professores que com suas disciplinas contribuíram com o presente estudo.

Também agradeço a comunidade escolar da Escola Municipal de Educação Infantil Tia Raimunda Pureza e Escola Estadual Doutor Murilo Braga, ambas no município de Mazagão, Estado do Amapá, Brasil, pela disponibilidade em responder aos questionários da pesquisa que resultou no presente trabalho. Por fim, agradeço ao meu irmão Carlos Alberto, minha irmã Lucicarmem (*in memorian*) e minha sobrinha Greice, pelo apoio logístico, os quais foram essenciais para realização da pesquisa e conclusão do Mestrado.

## ÍNDICE

<b>I. RESUMO</b> .....	<b>II</b>
<b>II. ABSTRACT</b> .....	<b>III</b>
<b>III. DEDICATÓRIA</b> .....	<b>IV</b>
<b>IV. AGRADECIMENTOS</b> .....	<b>V</b>
<b>V. LISTA DE TABELAS</b> .....	<b>08</b>
<b>VI. LISTA DE GRÁFICOS</b> .....	<b>09</b>
<b>VII. LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS</b> .....	<b>12</b>
<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	<b>13</b>
<b>2 REVISÃO DA LITERATURA</b> .....	<b>14</b>
<b>3 METODOLOGIA</b> .....	<b>26</b>
<b>3.1 Participantes</b> .....	<b>26</b>
<b>3.2 Métodos</b> .....	<b>27</b>
<b>3.3 Tratamento estatístico</b> .....	<b>27</b>
<b>4 APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS</b> .....	<b>28</b>
<b>5 CONCLUSÕES</b> .....	<b>70</b>
<b>6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b> .....	<b>72</b>
<b>7. ANEXOS</b> .....	<b>77</b>
<b>7.1. Anexo 1 – Parecer com aprovação pela Comissão de Ética da Universidade Fernando Pessoa com o nº FCS/PI – 177/21 em 12 de maio de 2021</b> .....	<b>78</b>

<b>7.2. Anexo 2</b> – Aprovação da Plataforma Brasil.....	79
<b>7.3 Anexo 3</b> – Declaração das Escolas pesquisadas com autorização de pesquisa.....	83
<b>7.4 Anexo 4</b> – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE para professores. ....	85
<b>7.5 Anexo 5</b> – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE para responsáveis dos alunos.....	87
<b>7.6 Anexo 6</b> – Questionário de pesquisa aplicado aos professores. ....	89
<b>7.7 Anexo 7</b> – Questionário de pesquisa aplicado aos responsáveis dos alunos.....	93

## Lista de Tabelas

Tabela 01 - Dificuldade do professor da Educação Especial antes da pandemia. ....	33
Tabela 02 - Respostas dos professores sobre os motivos da educação inclusiva ocorrer ou não antes da pandemia. ....	36
Tabela 03 - Medidas tomadas pelos professores antes da pandemia para que seus alunos com NEE fossem incluídos na sociedade onde vivem.....	36
Tabela 04 - Antes da pandemia, que formas você utilizava para adaptar os conteúdos para seus alunos. ....	38
Tabela 05 - Metodologias utilizadas antes da pandemia para que os alunos deficientes e ditos normais interessassem. ....	40
Tabela 06 -Classificação da inclusão dos alunos com necessidades educativas especiais na escola, antes da pandemia.....	41
Tabela 07 - A que horas ou entre que horas se costuma levantar da cama DURANTE a pandemia.. ....	42
Tabela 08 - Quanto tempo levava a adormecer ANTES do COVID em minutos. ....	44
Tabela 09 - Quanto tempo levava a adormecer DURANTE o COVID em minutos. ....	45
Tabela 10 - A que horas se costuma levantar da cama DURANTE o COVID.....	55

## Lista de Gráficos

Gráfico 01. Sexo dos professores que trabalham com alunos com Transtorno de Espectro do Autismo. ....	28
Gráfico 02. Tempo que os professores trabalham na educação. ....	29
Gráfico 03. Nível de ensino que os professores atuam. ....	30
Gráfico 04. Formação dos professores que trabalham com alunos com Transtorno do Espectro do Autismo. ....	30
Gráfico 05. Professores que trabalham com alunos que têm NEE. ....	31
Gráfico 06. NEE que os professores atuam. ....	32
Gráfico 07. Se a educação inclusiva acontecia antes da pandemia. ....	35
Gráfico 08. Você acredita que, antes da pandemia, os governantes brasileiros estavam preocupados com a Educação Especial. ....	38
Gráfico 09. Antes da pandemia, e em sala de aula se buscava metodologias para que alunos deficientes e os ditos normais pudessem interagir juntos. ....	39
Gráfico 10. A que horas ou entre que horas se costumava levantar da cama ANTES do COVID. ....	42
Gráfico 11. Quantas horas reais, em média, de sono "dormia mesmo" diariamente ANTES do COVID. ....	43
Gráfico 12. Quantas horas reais, em média, de sono "dorme mesmo" diariamente DURANTE o COVID. ....	44
Gráfico 13. Usava/ Usa despertador para acordar antes e durante a pandemia do COVID-19. ....	46
Gráfico 14. Tinha/ tem sonhos ou pesadelos com alguma frequência? Pode responder a várias respostas. ....	47

Gráfico 15. Como classifica a qualidade do seu sono antes do COVID. ....	47
Gráfico 16. Como classifica a qualidade do seu sono durante o COVID? Selecione um número conforme sente. ....	48
Gráfico 17. Quantas refeições fazia por dia antes do COVID. ....	49
Gráfico 18. Quantas refeições faz por dia durante o COVID.....	49
Gráfico 19. Qual a diferença na sua alimentação antes e durante o COVID? Durante o COVID comia mais. ....	50
Gráfico 20. Qual a diferença na sua alimentação antes e durante o COVID? Durante o COVID comia menos.....	51
Gráfico 21. Qual a idade de sua/seu educanda(o). ....	52
Gráfico 22. Qual o sexo de sua/seu educanda(o). ....	53
Gráfico 23. Qual o nível de ensino que sua/seu educanda(o) frequenta. ....	53
Gráfico 24. A que horas se costumava levantar da cama ANTES do COVID. ....	54
Gráfico 25. A que horas se costumava levantar da cama ANTES do COVID. ....	56
Gráfico 26. A que horas se costuma levantar da cama DURANTE o COVID. ....	57
Gráfico 27. Quantas horas reais, em média, de sono "dormia mesmo" diariamente ANTES do COVID. ....	58
Gráfico 28. Quantas horas reais, em média, de sono "dorme mesmo" diariamente DURANTE o COVID. ....	59
Gráfico 29. Quanto tempo levava a adormecer ANTES do COVID em minutos. ....	60
Gráfico 30. Quanto tempo levava a adormecer DURANTE o COVID em minutos. ....	60
Gráfico 31. Quantas vezes acordava por noite ANTES do COVID. ....	61
Gráfico 32. Quantas vezes acordava por noite DURANTE o COVID. ....	62

Gráfico 33. Usava/ Usa despertador para acordar? Pode responder a várias respostas. ....	63
Gráfico 34. Tinha/ tem sonhos ou pesadelos com alguma frequência? Pode responder a várias respostas.....	63
Gráfico 35. Como classifica a qualidade do sono de sua/seu educanda(o) antes do COVID. ....	64
Gráfico 36. Como classifica a qualidade do sono de sua/seu educanda(o) durante o COVID. ....	65
Gráfico 37. Quantas refeições fazia por dia antes do COVID. ....	66
Gráfico 38. Quantas refeições faz por dia durante o COVID.....	67
Gráfico 39. Qual a diferença na sua alimentação antes e durante o COVID? Durante o COVID comia mais. ....	68
Gráfico 40. Qual a diferença na sua alimentação antes e durante o COVID? Durante o COVID comia menos.....	69

## **Lista de Abreviaturas e Siglas**

AEE - Atendimento Educacional Especializado

APA - Associação Americana de Psiquiatria

COVID-19 – Coronavírus

NEE - Necessidades Educativas Especiais

OMS - Organização Mundial da Saúde

OPAS - Organização Pan-Americana da Saúde

TEA - Transtorno do Espectro do Autismo

## 1 INTRODUÇÃO

O trabalho do professor de alunos com necessidades educativas especiais (NEE) deve ser planejado, de acordo com a idade, o tipo de deficiência e o nível de aprendizagem dos alunos. Tudo isto acarreta grande responsabilidade na sua tarefa diária de ensinar e está igualmente dependente de vários hábitos do professor fora da sala de aula, entre eles, os seus hábitos alimentares e de sono, e que naturalmente, influenciam o sucesso no seu trabalho como docente. Tal como nos professores, também esses hábitos nos alunos com NEE são determinantes no processo de aprendizagem.

Para além disso, a população mundial viveu e ainda vive um período drástico com o aparecimento da Pandemia por Coronavírus (COVID-19), e que já está a modificar a vida diária de todos, e que certamente, terá repercussões no processo de ensino-aprendizagem.

Desta forma, este trabalho teve como objetivo geral avaliar a atividade e as estratégias que os professores brasileiros utilizam com os seus alunos com necessidade educativas especiais (NEE) e conhecer os hábitos de sono e alimentares destes professores e dos seus alunos, antes e durante a pandemia pelo Coronavirus (COVID-19).

E como objetivos específicos: identificar a atividade e as estratégias que os professores brasileiros utilizam com os seus alunos com NEE, de acordo com a sua experiência profissional e o tipo de deficiência dos alunos; conhecer os hábitos de sono e alimentares destes professores antes e durante a pandemia por COVID-19, de acordo com a idade; conhecer os hábitos de sono e alimentares destes alunos antes e durante a pandemia por COVID-19.

Para o qual apresentou-se a hipótese de que com a pandemia do COVID-19 a rotina de professores e alunos mudou rapidamente, sobretudo, sem preparação adequada do ensino presencial para o virtual. Com essas mudanças, a atividade docente e as estratégias adotadas no ensino pelos professores precisaram ser modificadas, pois devido ao isolamento social não era mais possível o atendimento na escola dos alunos com NEE.

## 2 REVISÃO DA LITERATURA

### 2.1. Pandemia do COVID-2019

Em dezembro de 2019, foi noticiado e registrado na China, cidade de Wuhan um novo tipo de coronavírus, denominado de SARS-CoV-2, o qual posteriormente ficou conhecido no mundo todo como COVID-19. (Konzen, 2020)

O número de casos foi aumentando de forma muito célere, causando comumente uma síndrome respiratória, pneumonia e outros sintomas, assim foi em um curto período de tempo considerado como um surto com predomínio para um vírus respiratório, sendo de veiculação área e de rápido contágio e propagação, podendo “ser transmitido por transmissão pelo ar, transmissão por contato e por transmissão por superfícies não higienizadas”. (Cavalcanti, 2020, p.11)

Com este cenário e com a rápida propagação do vírus, a Organização Mundial da Saúde (OMS) reconheceu, de acordo com Oliveira, Coaglio e Iquiapaza (2020) em janeiro de 2020 o então surto como uma emergência em saúde pública de interesse internacional.

Ainda para os mesmos autores o novo coronavírus se espalhou rapidamente tanto na China quanto em outras áreas geográficas mundiais e sendo transmitido humano a humano, logo o COVID-19 se espalhou, possivelmente, através dos viajantes para todos os continentes do mundo.

Assim, com o registro de casos em todos os continentes e a disseminação rápida, segundo a Organização Pan-Americana da Saúde (OPAS) (2021, p.03):

Em 11 de março de 2020, a COVID-19 foi caracterizada pela OMS como uma pandemia. O termo “pandemia” se refere à distribuição geográfica de uma doença e não à sua gravidade. A designação reconhece que, no momento, existem surtos de COVID-19 em vários países e regiões do mundo.

Na citação anterior é possível observar que a então emergência em saúde pública de interesse internacional causada pelo COVID-19 foi declarada pela OMS como uma pandemia, já que foram registrados surtos em diferentes países do mundo todo.

Ainda enquanto aspectos conceituais do Coronavírus, escreve Santini (2021, p.1-2) que:

Os coronavírus dizem respeito a um grande grupo de vírus. Os primeiros coronavírus humanos foram isolados em 1937. No entanto, apenas em 1965 o vírus foi nomeado: em decorrência do perfil na microscopia, foi observada semelhança com uma coroa. Como em latim “coroa” é chamada Corona, esses vírus receberam o nome de coronavírus. Cada um deles é formado por um núcleo de material genético, cercado de envelope com espículas de proteínas.

Verifica-se que o coronavírus não é um vírus isolado, mas sim componente de um grande grupo de vírus humanos, o qual recebeu essa denominação devido o perfil na microscopia.

Ainda para Santini (2021, p.2-3) existem diferentes coronavírus que causam sintomas respiratórios, sobre isso discorre:

Existem diferentes tipos de coronavírus que causam sintomas respiratórios e, as vezes, gastrointestinais. As doenças respiratórias podem variar de uma gripe comum à uma pneumonia e, na maioria das pessoas, os sintomas tendem a ser leves. No entanto, existem alguns tipos de coronavírus que podem ter maiores riscos de evoluir a formas graves da doença. Segundo a OMS, adultos com mais de 60 anos e pessoas com doenças preexistentes têm maiores riscos de ter a doença agravada. Algumas das doenças preexistentes de alerta são: hipertensão arterial, diabetes, doença cardíaca, doença pulmonar, neoplasias, transplantados e uso de imunossupressores.

No Brasil, com base em dados do portal Sanarmed (2021) as primeiras iniciativas de ações quanto ao COVID-19 foram adotadas em fevereiro de 2020, a exemplo da repatriação de alguns brasileiros que estavam em Wuhan, na China.

Também de acordo com o Sanarmed (2021) ainda em fevereiro de 2020 foi confirmado pelo Ministério da Saúde do Brasil o primeiro caso do novo coronavírus em território brasileiro, registrado como de um paciente homem que havia chegado de viagem da Itália.

Muito rapidamente o COVID-19 se espalhou por todos os Estados brasileiros, e segundo os dados registrados até 30 de setembro de 2020, revelaram que o Brasil, conforme, o Ministério da Saúde tinham confirmados 4.810.935 casos do COVID-19. E quanto aos óbitos o total chegava a 143.952 mortes. (Agência Brasil, 2021)

Já até 25 de abril de 2021 o Brasil somava 389.492 mortes em decorrência do COVID-19 e 14.308.215 casos confirmados. (Agência Brasil, 2021) Todos os dias esse número aumenta consideravelmente, ceifando a vida de milhares de brasileiros.

Conforme bem pontua Cavalcanti (2020) a pandemia do COVID-19 preocupou e está preocupando autoridades e demais cidadãos no mundo todo, trazendo drásticas consequências diretas e indiretas para todas as esferas de atividades dos Estados internacionais e setores da sociedade.

Com dados de 06 de maio de 2021 o Brasil passou a marca de 15 milhões de casos de COVID-19 contabilizados. Além disso, o total é de 417.176 óbitos desde o início da pandemia, de acordo com o consórcio de veículos de imprensa. (Sanarmed, 2021)

Além disso, quando a pandemia do COVID-19 no Brasil, também com dados de maio de 2021, já se tem registrado novas variantes do vírus em circulação no país, tendo registros iniciais em Manaus e no Rio de Janeiro, conforme dados da Sanarmed (2021).

## **2.2 Atividade docente e os alunos**

Com a pandemia por COVID-19, a rotina de professores e alunos mudou rapidamente, sobretudo, na transição sem preparação adequada do ensino presencial para o virtual. Com essas mudanças a atividade docente e as estratégias adotadas no ensino pelos professores modificaram-se, devido ao isolamento social, o que impossibilitou o atendimento presencial na escola dos alunos com NEE.

A atividade é uma categoria central no materialismo histórico-dialético porque tem relação com o desenvolvimento social e histórico do homem, como também com seu desenvolvimento individual. O conceito de atividade foi desenvolvido nos trabalhos de Vigotski, Leontiev e Luria, embora a “teoria da atividade” tenha sido sistematizada por Leontiev (Duarte, 2002, p.43).

O autor Leontiev (1978, p. 107-108) a primeira condição de toda a atividade é uma necessidade. No entanto, em si, a necessidade não pode determinar a orientação concreta de uma atividade, pois é apenas no objeto da atividade que ela encontra sua determinação, assim deve, por assim dizer, encontrar-se nele. Uma vez que a necessidade encontra a sua determinação no objeto, o dito objeto torna-se motivo da atividade, aquilo que o estimula.

Assim, a atividade humana é para Duarte (2002, p. 54):

Uma estrutura complexa que se constitui de necessidades, motivos, objetos e ações, numa relação mediatizada. “Essa relação indireta entre a ação e o motivo da atividade como um todo precisa ser devidamente traduzida no âmbito subjetivo, ou seja, na consciência dos indivíduos.

No que se refere a consciência, está permite ao homem compreender o mundo social por meio das significações, conferindo-lhe um sentido próprio, pessoal, vinculado às necessidades, motivos e sentimentos.

O autor Asbahr (2005, p. 111) esclarece que “todo sentido é sentido de algo, é sentido de uma significação”, sendo assim não há sentido puro, pois o sentido pessoal é produzido pelo homem em sua atividade social, considerando as condições sócio-históricas.

Com isso, tendo em vista, os pressupostos da teoria da atividade, pode-se pensar sobre suas contribuições ao campo da educação, em especial à atividade pedagógica, considerando que podem ser utilizadas diferentes formas de abordagem de pesquisa. Dessa maneira, a compreensão da relação necessidade, objeto e motivo se torna ainda mais complexa, tendo em vista a natureza da atividade pedagógica que, conforme Asbahr (2005, p. 113), trata-se de significações de cunho político que variam de acordo com o momento histórico, político e econômico como também com diferentes concepções filosóficas e com formas de gestão.

Logo fica evidente que, conforme Resende (2012, p.58):

Se a intenção é compreender a atividade docente, urge investigar os motivos que levam os professores a agirem de determinadas maneiras, articulando necessidades e objetos, uma vez que “o objeto da atividade é seu motivo real”.

Estudos como o de Basso (1998, p.112) aponta que o significado do trabalho docente está relacionado com a ação de ensinar, ou seja, proporcionar condições para que os alunos aprendam. O professor é o mediador entre o conhecimento (produtos culturais) e o aluno, devendo “além de garantir a apropriação do conhecimento pelo aluno de forma planejada, [...] possibilitar que tenha acesso também ao processo de produção do conhecimento”

Conforme Amigues (2004), o trabalho do professor, normalmente, é visto como um meio de se alcançar um fim, no caso, garantir a aprendizagem, considerado sob o ponto de vista das prescrições e das normas estabelecidas pela instituição. Há sempre outras pessoas, externas ao trabalho, que se julgam conhecedoras das situações do ensino e que tomam decisões sobre as formas de fazer do professor. A própria pesquisa, segundo o autor, encara a ação do professor como uma forma de incorporação na prática dos conhecimentos sobre a aprendizagem, ou seja, “se sabemos como as crianças aprendem, então saberíamos como ensinar a elas”.

Diante disso decorre a visão que os professores não fazem aquilo que deveria ser feito é que seus métodos não correspondem às necessidades de aprendizagem dos alunos. Considerando, segundo as ideias de Clot (2007), que a atividade não é apenas aquilo que se vê realizado, mas, sobretudo, o que o sujeito deixou de fazer, mas gostaria de ter feito e não conseguiu fazer, Amigues (2004, p. 41) propõe um olhar renovado sobre as práticas dos professores. O autor ressalta que a atividade é resultado de uma construção histórica, na qual o sujeito busca a sua unidade nas dimensões fisiológicas, psicológicas e sociais, bem como nas relações com os outros.

Para o desenvolvimento de uma análise nessa perspectiva teórica, Amigues (2004, p.64-65) apresenta os objetos constitutivos da atividade do professor:

1- a atividade do professor é instrumentada e direcionada pelas prescrições, os coletivos, as regras do ofício e as ferramentas; 2- o trabalho de ensino é um trabalho de concepção, organização e regulação do meio de trabalho dos alunos. A atividade do professor é socialmente situada e mediada por objetos que constituem um sistema, sendo dirigida aos alunos, aos seus pais, a outros profissionais, à instituição na qual trabalha.

Clot (2007, p. 97) corrobora afirmando que “[...] o trabalho é uma atividade dirigida pelo sujeito, para o objeto e para a atividade dos outros, com a mediação do gênero”. Assim,

para agir o professor precisa assumir compromissos e articular vários objetos constitutivos de sua atividade.

A profissão docente, no âmbito da formação e do trabalho, tem sido intensamente estudada, em vista das grandes mudanças ocorridas no cenário mundial, trazendo novas demandas para a escolarização que, por sua vez, passa a fazer forte pressão para que o trabalho na escola seja mais efetivo. Com isso, há a necessidade de rever as atividades docentes, qualificando-as e ampliando seus efeitos. No entanto, a ausência de uma política bem definida acerca da formação docente tem criado grande desânimo no professorado e insatisfação com os resultados de seu trabalho. Tudo isso gera um grande desgaste nas relações internas da escola e tem repercussões na escolha pelo magistério por parte dos alunos que ingressam na universidade (Resende, 2012).

Gatti e Barretto (2009), em estudo sobre os impasses e desafios postos aos professores do Brasil, ressaltaram a dificuldade para formar bons quadros para a docência. Entre os problemas identificados, apontam a debilidade da formação profissional (seja ela inicial ou continuada) ministrada por muitas instituições, atuando de maneira desarticulada e sem os mesmos objetivos.

A situação é agravada pela forte tradição disciplinar brasileira, que se opõe radicalmente às tentativas de se alcançar uma ação escolar integrada e interdisciplinar. Além disso, os currículos tendem a ser muito abstratos, deixando de incorporar preocupações de natureza pedagógica, diretamente vinculadas à prática profissional. Acima de tudo, falta entrosamento da teoria com a prática, aspecto que acaba fazendo da docência uma profissão sem conhecimentos aprofundados, sem método, voltada para um aluno idealizado. (Davis e Aguiar, 2010)

Tudo isso redundava, como seria de se esperar, na visão de que o magistério é uma profissão de menor categoria e de que aqueles que a exercem não podem, portanto, ser profissionais valorizados. Estágios sem planejamento e sem supervisão, pouca clareza acerca do que vem a ser um trabalho docente eficaz, fronteiras difusas ocultando as especificidades da Educação Infantil, do Ensino Fundamental e do Médio só fazem agravar a pouca ou nenhuma ênfase dada à função social da escolarização: transmitir às novas gerações os conhecimentos socialmente produzidos e, nesse movimento, consolidar valores e práticas centrais para o convívio humano respeitoso.

### 2.3 Alimentação

Para além da atividade do professor, também os seus hábitos alimentares e de sono alteraram-se.

Há muito tempo o homem sabe que a alimentação influencia na sua saúde humana (Silva, Paiva e Bellotto, 2016). Ainda que todos os animais necessitem de alimento para sobreviver, os seres humanos são os únicos que aliam os gostos às simples necessidades nutricionais, tendo o hábito de cozinhar os alimentos, e torná-lo mais atrativo.

A alimentação transformou-se num dos muitos rituais comuns aos seres humanos, variando de cultura para cultura, mas assumindo, quase sempre, uma atividade de grupo. O homem necessita de comida, e os seus hábitos alimentares variam em função do que o meio que o rodeia lhe pode oferecer.

Conforme Matta (2011), as prevalências de sobrepeso e obesidade cresceram de maneira importante nos últimos 30 anos. A importância que a obesidade vem assumindo no Brasil não pode ser ignorada e, a anunciada epidemia de obesidade para os Estados Unidos, é fato também no Brasil. Paralelamente, a prevalência de doenças crônicas não-transmissíveis vem aumentando e entre as principais causas destas doenças está a alimentação desequilibrada.

Portanto, o estabelecimento de padrões alimentares saudáveis deve contemplar como prioridade a prevenção do ganho de peso. Incluir o consumo alimentar e a atividade física no âmbito de comportamentos para uma vida saudável é talvez a mais importante tarefa de promoção da saúde. Neste cenário, as medidas de prevenção ocupam lugar de destaque, não só em função de que a prevenção precoce das doenças associa-se a melhor qualidade de vida, mas também porque, as medidas terapêuticas para a obesidade, um dos principais problemas nutricionais do presente, têm sido de pouca valia. Destaca-se que a prevenção e o tratamento da obesidade apresentam-se como um dos grandes desafios deste século.

Hoje existem evidências científicas que apontam o impacto da alimentação saudável na prevenção das mortes prematuras, causadas por doenças crônicas não-transmissíveis como as doenças cardíacas e cancro. Assim, uma proposta de alimentação saudável deve contemplar a alimentação que esteja ao alcance da sociedade como um todo, e que tenha um impacto sobre os mais importantes fatores relacionados às várias doenças (Silva, 2015).

De acordo com os princípios de uma alimentação saudável, todos os grupos de alimentos devem compor a dieta diária. Sobre o assunto discorre Matta (2011, p.5):

A alimentação saudável deve fornecer água, hidratos de carbono, proteínas, lipídios, vitaminas, minerais e fibras, os quais são insubstituíveis e indispensáveis ao bom funcionamento do organismo. A diversidade dietética que fundamenta o conceito de alimentação saudável pressupõe que nenhum alimento específico ou grupo deles isoladamente, é suficiente para fornecer todos os nutrientes necessários a uma boa nutrição e consequente manutenção da saúde.

As proibições ou limitações impostas devem ser evitadas, a não ser que façam parte de orientações individualizadas e particularizadas do aconselhamento nutricional de pessoas portadoras de doenças ou distúrbios nutricionais específicos, devidamente fundamentadas e esclarecidas. Mesmo as dietas para perda ou manutenção do peso corporal, que exigem redução calórica, devem atender ao padrão alimentar e nutricional considerado adequado. Além disso, deve ser uma oportunidade de aprender e exercitar a reeducação alimentar, atendendo aos quesitos da adequação em quantidade e qualidade, prazer e saciedade.

## **2.4 Sono**

Para além da alimentação, também o sono dos professores sofreu alterações, devido às adaptações de horários na vida quotidiana das escolas. O sono constitui um aspecto fundamental da vida do ser humano. O sono é um estado fisiológico especial que ocorre de maneira cíclica (Silva e Paiva, 2015) numa grande variedade de seres vivos do reino animal, tendo sido observados comportamentos de repouso e atividade, compondo um ciclo vigília-sono rudimentar, em animais tão inferiores na escala zoológica como os insetos (Fernandes, 2006).

Para Moura (2013), o sono possui função restauradora, de conservação de energia e de proteção. Por outro lado, a sua privação pode trazer um importante prejuízo a curto ou longo prazo nas atividades diárias do indivíduo, tais como, problemas sociais, somáticos, psicológicos ou cognitivos, a exemplo do desenvolvimento de ansiedade, depressão, problemas de interação social, dentre outros. Os sintomas relacionados aos transtornos do sono são frequentes em

crianças e adultos, como insônia, sonolência diurna excessiva, incapacidade de dormir no momento desejado e eventos anormais durante o sono (Silva e Paiva, 2016).

Ainda sobre os aspectos conceituais de sono, discorre Fernandes (2006, p.10):

O sono é definido cientificamente como um conjunto de alterações comportamentais e fisiológicas que ocorrem de forma conjunta e em associação com atividades elétricas cerebrais características. É um estado comportamental complexo no qual existe uma postura relaxada típica, a atividade motora encontra-se reduzida ou ausente e há um elevado limiar para resposta a estímulos externos. O sono é reversível à estimulação.

A vigília, em contrapartida, caracteriza-se pela elevada atividade motora, por alta responsividade e por um ambiente neuroquímico que favorece o processamento e o registro de informações e a interação com o ambiente. A alternância entre sono e vigília ocorre de forma circadiana, sendo esse ciclo variável de acordo com idade, sexo e características individuais. Assim, em contexto de pandemia, os horários dos professores na sua atividade profissional e nas suas rotinas quotidianas tornaram-se diferentes com possíveis alterações na sua alimentação, sono e prestação docente, incluindo aqueles que trabalham no ensino especial.

Para Muller e Guimarães (2017, p.89) “os distúrbios do sono provocam consequências adversas na vida das pessoas por diminuir seu funcionamento diário, aumentar a propensão a distúrbios psiquiátricos, déficits cognitivos, surgimento e agravamento de problemas de saúde”, dentre outros.

Especificamente tratando-se do distúrbio do sono no período pandêmico do COVID-19, Telles (2021, p.1-2) afirma que “os distúrbios do sono são os principais problemas de saúde mental, associados ao aumento dos estressores psicossociais registrados no período”.

## **2.5 Necessidade Educativas Especiais (NEE)**

O conceito de NEE surge pela primeira vez, em 1978, com o relatório “Warnock”. Este refere-se ao ensino ministrado em classes especiais ou unidades de ensino para crianças com determinados tipos de deficiência, abarcando também a noção de qualquer forma adicional de

ajuda desde o nascimento até à maturidade para superar a dificuldade educacional, o que não acontecia antes da implementação deste documento. (Izquierdo, 2006)

Este relatório fica conhecido com o nome de “Warnock” em reconhecimento a Helen Mary Warnock que presidiu uma investigação durante quatro anos numa escola de educação especial inglesa.

Segundo este documento “o conceito de Necessidades Educativas Especiais, engloba não só alunos com deficiências, mas todos aqueles que, ao longo do seu percurso escolar possam apresentar dificuldades específicas de aprendizagem”. (Madureira, 2003, p.36)

Este relatório veio deslocar o enfoque médico nas deficiências para um enfoque na aprendizagem escolar de um currículo ou programa, isto é, uma mudança de competência do paradigma médico-psicológico para a do paradigma educativo. O relatório teve a importância de caracterizar em pormenor o aluno com NEE (identificação, descrição e avaliação das suas necessidades) com o objetivo de se tomar medidas mais adequadas, de forma a garantir o sucesso e uma plena integração. (Heber, 2016)

Diante disso para Madureira (2003, p.2021):

Os alunos com NEE são todos aqueles que necessitam de apoio educativo especial em algum momento do seu percurso escolar, independentemente da sua duração ou gravidade, e assumindo que a finalidade da educação tem que ser igual para todas as crianças, quer sejam deficientes ou não.

A inclusão de alunos com NEE no sistema regular de ensino constitui uma inovação educativa atualmente defendida, a qual surge na sequência de princípios que se têm vindo a preconizar desde a publicação da Lei de Bases do Sistema Educativo, em 1986. Desde então se aponta para a necessidade de garantir a igualdade de acesso e sucesso educativos a todos os alunos e, nesse sentido, já nas últimas décadas do século passado, se desenvolveram processos que visavam a integração escolar dos alunos com necessidades educativas especiais.

Tendo também como preocupação fundamental, a educação de todos os alunos, a perspectiva que preconiza uma escola inclusiva abrange, no entanto, não apenas aqueles que apresentam necessidades educativas especiais, mas também todos os que provêm de contextos étnico-culturais diferentes. Esta perspectiva fundamenta-se em pressupostos inovadores já que as diferenças dos alunos na aprendizagem são equacionadas como positivas, uma vez que

permitem desencadear processos de mudança na forma como as escolas e os professores organizam o currículo. (Freitas, 2012)

Docentes de diferentes níveis de ensino manifestam frequentemente preocupações, dificuldades, e carências em termos de formação para desempenhar eficazmente as competências que textualmente lhes estão atribuídas neste domínio. Com efeito, a maior parte das reservas expressas pelos professores em relação e inclusão de alunos e uni necessidades educativas especiais decorrem de preocupações com a falta de condições estruturais nas escolas e com a ausência de preparação profissional.

Neste contexto, a inclusão é percebida e vivida, por vezes, como fonte de insatisfação pessoal e profissional, devido a sentimento de insegurança, evidentes nos receios que manifestam sobre a relação pedagógica com estes alunos e sobre os processos de ensino mais adequados. Por outro lado, os docentes revelam, muitas vezes, representações negativas sobre as possibilidades educativas destes alunos que, necessariamente, influenciarão a relação pedagógica e o próprio desempenho dos alunos.

A inclusão pode conduzir ainda a um aumento de trabalho e de dificuldades na prática pedagógica, nomeadamente na organização do processo de ensino/ aprendizagem, no que respeita à planificação para grupos heterogéneos, à seleção de atividades e recursos diferenciados, à gestão do tempo, à motivação dos alunos... No entanto, em muitos casos, estão dificuldades decorrem no natural heterogeneidade dos grupos, a qual continua a ser ignorada na prática docente. Nesse sentido, a inclusão de alunos com necessidades educativas especiais poderá constituir um analisador profissional, pondo em evidência preocupações e dificuldades pré-existentes na prática docente. (Berimbau, 2011)

No subitem seguinte, apresentar-se-á uma breve descrição do município de Mazagão no Estado do Amapá, o qual foi o *locus* da pesquisa de campo.

## **2.6 Transtorno do Espectro do Autismo (TEA)**

Inicialmente, antes de definir o Transtorno do Espectro do Autismo (TEA) é importante apontar os aspectos conceituais de autismo, o qual se origina de duas outras palavras gregas, “autos”, que significa em si mesmo e “ismo”, que significa voltado para, assim sendo, originalmente a palavra autismo significa: voltado para si mesmo. (Gomes, 2017, p.54)

Especificamente, quanto a palavra TEA está é conceituada pela Associação Americana de Psiquiatria (APA) (2016, p.07 ) como sendo:

Um transtorno do desenvolvimento neurológico e global, que deve estar presente desde a infância, apresentando importantes déficits nas dimensões sociocomunicativas e comportamentais. Os sinais que caracterizam o TEA podem levar a situações nas quais essas crianças tendem a se isolar socialmente e apresentar baixos níveis de vocabulário. Essa situação pode levar a uma comunicação bastante comprometida, assim como, grandes dificuldades para compreender vários tipos de contextos, sejam emocionais ou sociais.

Assim, tanto a palavra autismo como o TEA se referem a tendência de isolamento e de comportamento, ambos reservados do indivíduo, o que além de definição também são elementos que caracterizam uma pessoa com autismo.

Quanto as características das pessoas com TEA, pode-se citar dentre elas a ausência de linguagem verbal ou linguagem verbal atrasada, repetição do que outras pessoas acabaram de dizer, hiperatividade, contato visual prejudicado, problemas de concentração, ausência ou dificuldade de interação social, mudança de humor sem causa aparente e etc. (Souza, 2019)

Para Ferrari (2012) quando o diagnóstico do autismo diante das características citadas anteriormente consegue ser ainda na infância aumenta a probabilidade de minimizar essas características e causar menor impacto possível no dia a dia da pessoa com TEA, o que também é corroborado por Teixeira (2016).

Embora existam características frequentes em pessoas com TEA, se faz necessário dizer que cada pessoa com TEA é única, isto é, as características irão variar de pessoa para pessoa, o que tem influência dentre outras com o tempo em que se teve o diagnóstico e o acompanhamento que é realizado. Sendo também importante mencionar que independente do grau em que a pessoa com TEA seja diagnosticada, todas necessitam de acompanhamento especial especializado, o qual deve ser multidisciplinar.

### **3 METODOLOGIA**

O estudo foi realizado na Escola Municipal de Educação Infantil Tia Raimunda Pureza (1º ao 2º período) e Escola Estadual D. Murilo Braga (1º ao 5º ano) e nos Atendimento Especializado AEE das Referidas Escolas no Município de Mazagão no Estado do Amapá, durante os meses de maio de 2021 a janeiro de 2022. O projeto foi previamente aprovado pela Comissão de Ética da Universidade Fernando Pessoa com o nº FCS/PI – 177/21 em 12 de maio de 2021 (Anexo 1) e pela Plataforma Brasil (Anexo 2).

#### **3.1 Participantes**

Foi realizada a coleta de dados com 30 famílias/encarregados de educação que possuam crianças com Transtorno do Espectro do Autismo (TEA) e estudem nas escolas objetos desta pesquisa, e 10 professores que lecionam alunos com NEE das referidas escolas foco da pesquisa.

Os critérios de inclusão dos participantes foram: 1) famílias com crianças e/ou adolescentes (4 a 17 anos) com TEA que estudem nas escolas objeto desta pesquisa e; 2) professores que lecionam crianças e/ou adolescentes com TEA atuantes nas escolas foco da pesquisa.

Os critérios de exclusão foram: 1) famílias sem crianças ou adolescentes com NEE; 2) professores que não leccionam alunos com NEE; 3) Famílias que optem em não participar; 4) Professores que optem em não participar.

Depois da obtenção da aprovação do projeto pela Plataforma Brasil e da autorização das instituições (Anexo 3), a autora do trabalho entrou em contato direto, via telefone com as famílias e professores dos participantes, onde explicou os objetivos e a metodologia do estudo, e esclareceu as dúvidas que surgiram.

Depois de explicados os objetivos e a metodologia do estudo, e esclarecidas as dúvidas, foi distribuída a Declaração de Consentimento Informado às famílias/encarregado de educação

(Anexo 4) e aos professores (Anexo 5). Todos os participantes no estudo forneceram consentimento informado.

### **3.2 Métodos**

A pesquisa teve um desenho descritivo quantitativo, cujo instrumento de recolha de informações foi um questionário online, através do *google forms* aplicado aos professores e um às famílias/encarregado de educação dos alunos com NEE.

No caso dos professores, o questionário englobou perguntas relativas aos seus dados sociodemográficos, da sua atividade docente e dos seus hábitos alimentares e de sono antes e durante a pandemia por COVID-19 (Anexo 6).

No caso dos alunos, o questionário englobou perguntas relativas aos seus dados sociodemográficos, escolares e dos seus hábitos alimentares e de sono antes e durante a pandemia por COVID-19. (Anexo 7)

### **3.3 Tratamento estatístico**

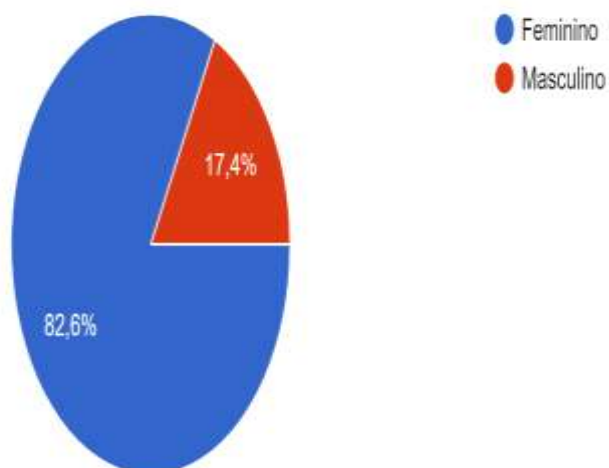
Os dados estatísticos no presente trabalho colhidos através da aplicação de questionários pelo *google forms* foram tratados através de gráficos e tabelas, de acordo com os dados disponibilizados pelo *google forms*.

## 4. APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Inicialmente apresenta-se os dados dos questionários aplicados aos professores, objetivando conhecer as atividades e as estratégias que os professores utilizam com alunos com NEE e conhecer os hábitos de sono e alimentares destes professores, antes e durante a Pandemia por COVID-19. E posteriormente, serão apresentados os resultados dos alunos.

### 4.1. Professores que trabalham com alunos com transtorno do espectro do autismo

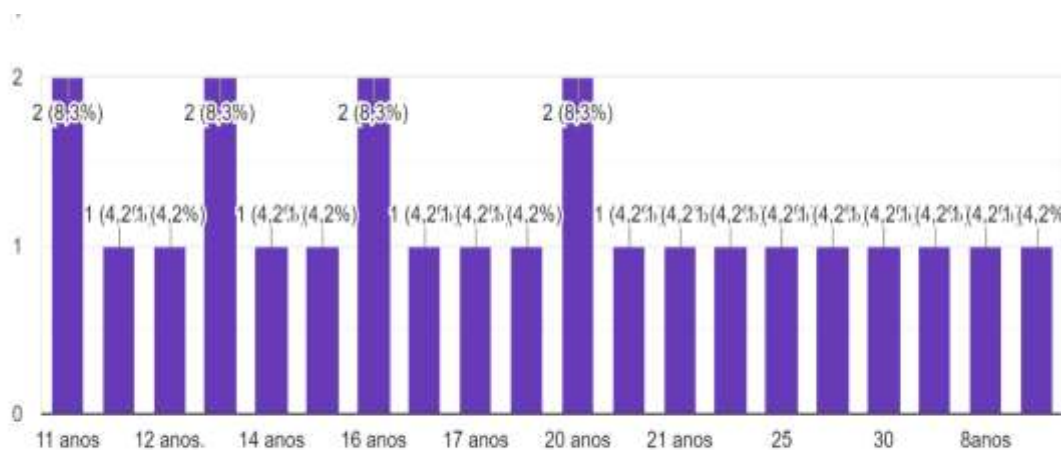
Os professores que trabalham com transtorno do espectro do autismo em sua maioria são do sexo feminino, totalizando um percentual de 82,6% e os outros 17,4% sendo do sexo masculino, conforme o gráfico 01.



**Gráfico 01. Sexo dos professores que trabalham com alunos com Transtorno de Espectro do Autismo**

Percebe-se que atualmente são as mulheres que mais trabalham na educação com alunos com transtorno de espectro do autismo, sendo a maioria absoluta, conforme os dados coletados nos questionários aplicados nas escolas pesquisadas via google meet.

Já quanto ao tempo que esses professores trabalham na educação os resultados podem ser visualizados no gráfico 02.

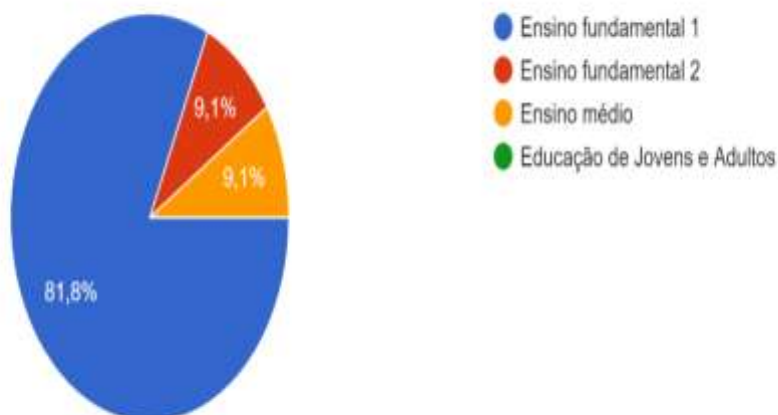


**Gráfico 02. Tempo que os professores trabalham na educação**

Os professores entrevistados a maioria trabalham na educação há mais de dez anos, com destaque para o percentual de 8,3% que estão há 20 anos na docência. Pelo tempo atuante na docência percebe-se que estes professores já tem muito tempo de experiência na educação, fato este que favorece o trabalho com os alunos com transtorno de espectro do autismo.

Como o público entrevistado trabalham no ensino fundamental, é importante destacar que o atuar do professor na educação infantil necessariamente deve se alicerçar em uma formação de base que deve ser licenciatura, para que haja condições de se desempenhar a multiplicidade de tarefas com eficiência, através de planejamentos adequados. (Sousa; Wind, 2013)

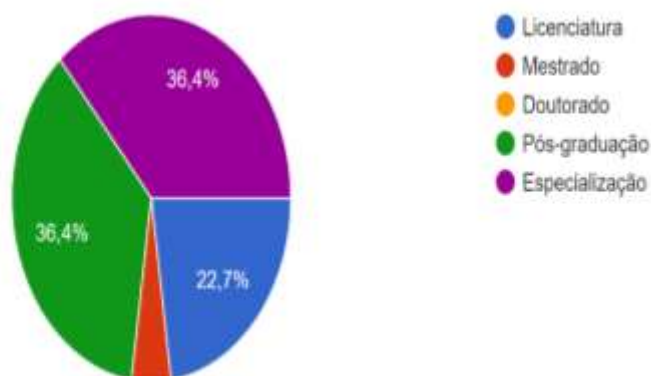
No gráfico 03 é possível verificar o nível em que esses professores trabalham, sendo que a maioria atuam no Ensino fundamental 1, conforme ilustrado a seguir:



**Gráfico 03. Nível de ensino que os professores atuam**

Estes professores em sua maioria totalizando 81,8% são atuantes exclusivamente do ensino fundamental 1, atuando todos com alunos com NEE, especificamente, com alunos com Transtorno do Espectro do Autismo.

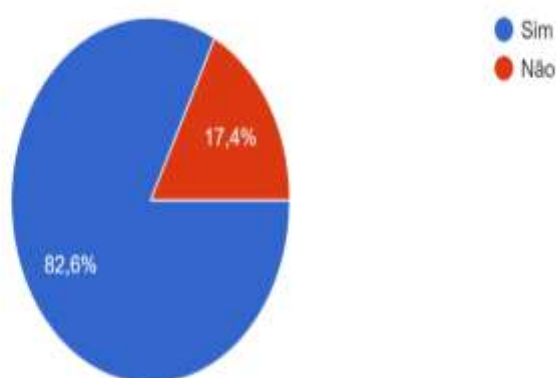
Sobre a formação desses professores foi possível constatar, conforme os dados do gráfico 04, que a maioria além da graduação possuem também especialização.



**Gráfico 04. Formação dos professores que trabalham com alunos com Transtorno do Espectro do Autismo.**

Vale mencionar que os alunos com necessidades especiais, segundo Quixaba (2015, p.23) “possuem capacidades, mas também possuem especificidades que não podem ser ignoradas ou negligenciadas”. Assim, requerendo dos professores atuação multidisciplinar para o ensino aos alunos com NEE.

Dos entrevistados a maioria respondeu trabalhar com alunos que têm NEE, de acordo com o demonstrado no gráfico 05.

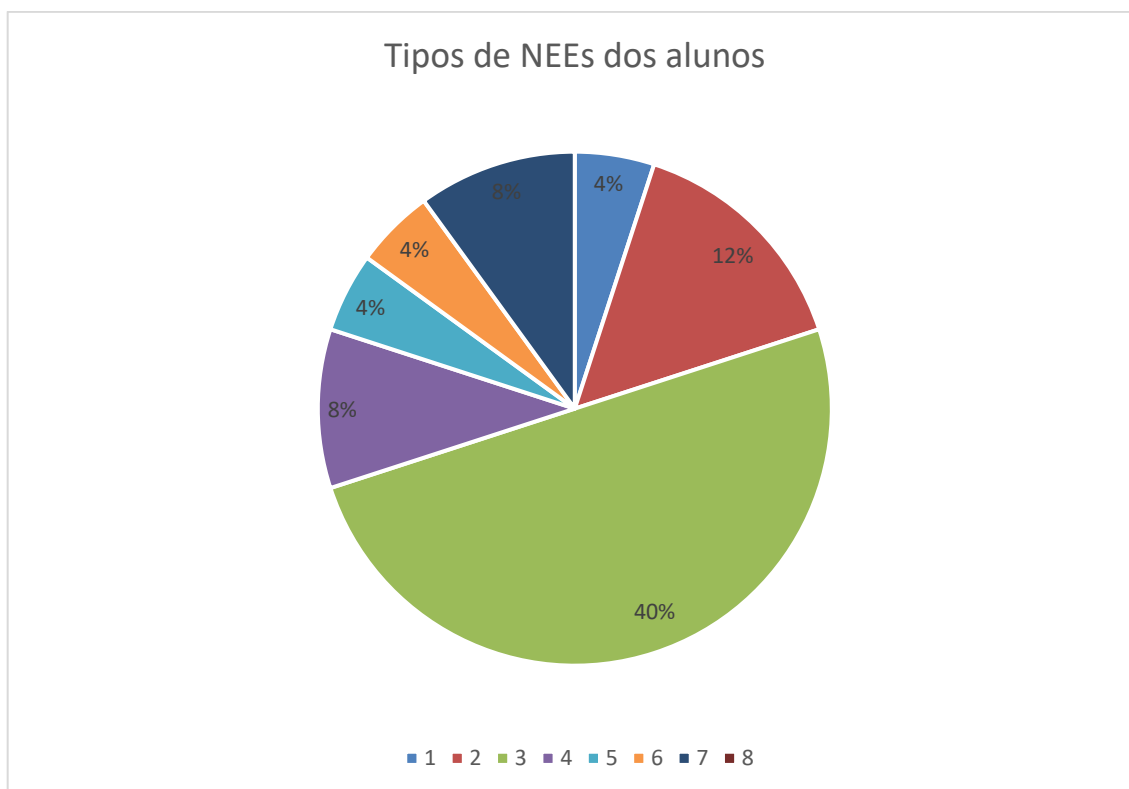


---

**Gráfico 05. Professores que trabalham com alunos que têm NEE**

Dos entrevistados 82,6% trabalham com alunos com necessidades educacionais especiais (NEE) e 17,4% não tem alunos com NEE. Sendo que, conforme, delimitação da pesquisa os que não trabalham com alunos com transtorno do espectro do autismo foram excluídos.

No entanto, como forma ilustrativa segue no gráfico 06 os dados das NEE que os professores entrevistados atuam:



Legenda: 1= Paralisia Cerebral 2= Síndrome de Down 3=Autismo 4=Deficiência Motora 5=TDH 6= Surdez 7= Deficiência Visual 8= Outra deficiência intelectual

### Gráfico 06. NEE que os professores atuam

Conforme, o questionário aplicado a maioria das NEE atendidas pelos professores atuantes no Ensino Fundamental 1 são alunos com autismo, totalizando 40% dos alunos, seguido de 12% de alunos com síndrome de down, seguido de 8% com deficiência motora diversas e 8% com deficiência visual.

Deste cenário, como a maioria dos alunos com NEE são autistas é importante conceituar tal condição. O Transtorno do Espectro Autista – TEA refere-se a uma série de condições caracterizadas por desafios com habilidades sociais, comportamentos repetitivos, fala e comunicação não-verbal, sendo que, os sinais mais evidentes do TEA tendem a aparecer entre 2 a 3 anos de idade. (Moraes; Costa, 2022)

Conforme Braga (2018) independente do grau de autismo inserir este aluno na rede regular de ensino permite a interação e inclusão social, auxiliando no pleno desenvolvimento educacional e social deste educando.

Já Camargo Júnior (2017) alerta para necessidade da inclusão da pessoa com TEA na rede de ensino seja realizada desde as séries iniciais, pois esta educação precoce permite auxiliar juntamente com o acompanhamento médico e multidisciplinar a independência de pessoa com necessidade especial.

Sobre as maiores dificuldades do professor da Educação Especial antes da pandemia os entrevistados citaram diferentes dificuldades, as quais são demonstradas na tabela 01:

**Tabela 01: Dificuldade do professor da Educação Especial antes da pandemia**

<b>Respostas</b>	<b>Quantidade</b>	<b>Percentagem (%)</b>
A falta de materiais didáticos adaptados	3	30%
Falta de investimento nesta modalidade pelo governo	1	10%
Falta de apoio da família	3	30%
Ausência de formação continuada	1	10%
Falta de suporte de professor de AEE na escola	2	20%

Quando perguntados pelas principais dificuldades do professor de educação especial antes da pandemia eram a falta de recursos materiais, falta de investimentos na área, no que se refere a falta de materiais didáticos e pedagógicos adaptados, o que dificulta o atendimento as diferentes NEE.

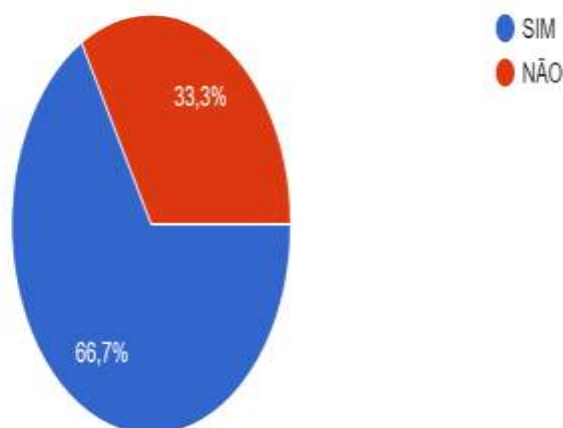
Sobre esse cenário discorre Silva (2011) que o que se observa é que os alunos são incluídos no ensino regular tão somente para atender a uma exigência legal, sem investimentos materiais e de pessoal, desta forma, refletindo na prática docente, conforme destacado nos questionários aplicados.

Também é importante refletir sobre o que escreve Arantes (2016, p.51) diante das dificuldades enfrentadas na educação especial de que a política educacional brasileira tem deslocado progressivamente para os municípios parte da responsabilidade administrativa financeira e pedagógica pelo acesso e permanência de alunos com necessidades educacionais especiais, em decorrência do processo de municipalização do ensino fundamental. “Essa diretriz tem provocado alguns impactos no atendimento desse alunado, sobretudo, material”.

Outra problemática destacada pelos professores que atendem alunos com NEE, conforme, relato pelos entrevistados é a falta de apoio dos pais e responsáveis, ou seja, não há participação ativa da família no processo de ensino- aprendizagem.

A presença e acompanhamento da família, na vida de qualquer criança, é muito importante para o seu desenvolvimento pleno. Seu papel é o de oferecer-lhe um lugar onde possam desenvolver-se com segurança e aprender a se relacionar em sociedade. Este esforço torna-se, sem dúvida, mais difícil para as famílias dos deficientes. Quando isto acontece, se exige de cada membro familiar uma redefinição de papéis, cobrando-se deles mudanças de atitudes e novos estilos de vida. (Hollerweger; Catarina, 2014)

Mesmo diante deste cenário a maioria dos professores entrevistados acreditam que a educação inclusiva acontecia antes da pandemia, o que se verifica no gráfico 07.



**Gráfico 07. Se a educação inclusiva acontecia antes da pandemia.**

Apesar das dificuldades relatadas os professores entrevistados em sua maioria, totalizando 66,7% acreditam que antes da pandemia do COVID-19 a educação inclusiva acontecia, pois mesmo em situações precárias de materiais, havia o interesse dos professores comprometidos com a educação, os quais buscavam diferentes estratégias para atender os alunos com NEE.

Já os 33,3% que acreditam que a educação inclusiva não ocorria apontam como motivo a falta de material didático, a falta de apoio dos pais e da gestão, assim como, a falta de políticas públicas.

Para Belisário Filho e Cunha (2010) a educação inclusiva é fundamental para o pleno desenvolvimento dos alunos com necessidades educacionais especiais, independente do tipo de deficiência e grau.

Sobre os motivos da educação inclusiva ocorrer ou não antes da pandemia os professores citaram diferentes motivos demonstrados na tabela 02.

**Tabela 02: Respostas dos professores sobre os motivos da educação inclusiva ocorrer ou não antes da pandemia.**

<b>Respostas</b>	<b>Quantidade</b>	<b>Percentagem (%)</b>
Compromisso dos professores com a inclusão	4	40%
Falta do apoio dos pais	2	20%
Falta de estrutura nas escolas	3	30%
Ausência de Políticas Públicas	1	10%

Mais uma vez destaca-se a importância da família, sendo que a principal importância da influência da família reside no fato de o lar e a vida familiar proporcionarem, através de seu ambiente físico e social, as condições necessárias ao desenvolvimento da criança. (Hollerweger e Catarina, 2014)

Quando os professores foram questionados sobre o que faziam antes da pandemia para que seus alunos com deficiência fossem incluídos na sociedade onde vivem, os mesmos apontaram várias estratégias e medidas descritas na tabela 03.

**Tabela 03: Medidas tomadas pelos professores antes da pandemia para que seus alunos com NEE fossem incluídos na sociedade onde vivem.**

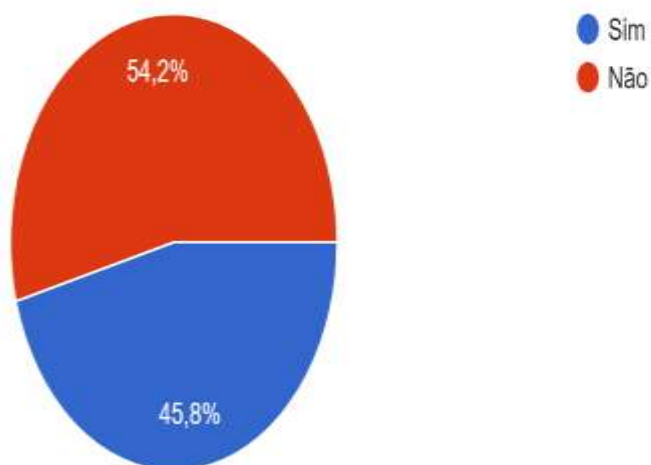
<b>Respostas</b>	<b>Quantidade</b>	<b>Percentagem (%)</b>
------------------	-------------------	------------------------

Adaptavam materiais didáticos	3	30%
Desenvolviavam projetos envolvendo toda comunidade escolar	1	10%
Utilizam estratégias e metodologias com dinâmicas que propiciavam a interação/inclusão	6	60%

Para que os alunos fossem incluídos antes da pandemia os professores entrevistados apontam que realizavam vários projetos com a participação da comunidade escolar, nos quais existiam estratégias educativas para atender as diferentes necessidades dos alunos. Também eram realizados trabalhos em grupos que objetivavam a interação, a independência e autonomia dos alunos com NEE.

Fitó (2012) observa a necessidade de utilização de metodologias, projetos e ação conjunta de toda comunidade escolar na aprendizagem dos alunos com NEE, pois é um esforço conjunto diante da predominância da dificuldade no aprendizado.

Por outro lado, quando questionados se antes da pandemia os governantes brasileiros estavam preocupados com a Educação Inclusiva a maioria entende que não, conforme, demonstrado no gráfico 08.



**Gráfico 08: Você acredita que, antes da pandemia, os governantes brasileiros estavam preocupados com a Educação Especial.**

Como se observa no gráfico anterior para os professores entrevistados, totalizando 54,2% antes da pandemia o governo brasileiro não estava preocupado com a educação especial, o que pode se justificar pela falta de investimentos na educação inclusive e falta de recursos materiais, relatados pelos entrevistados.

Ainda sobre a atuação dos professores na educação inclusiva, antes da pandemia eles relataram diferentes formas de adaptar os conteúdos para seus alunos, as quais são descritas na tabela 04.

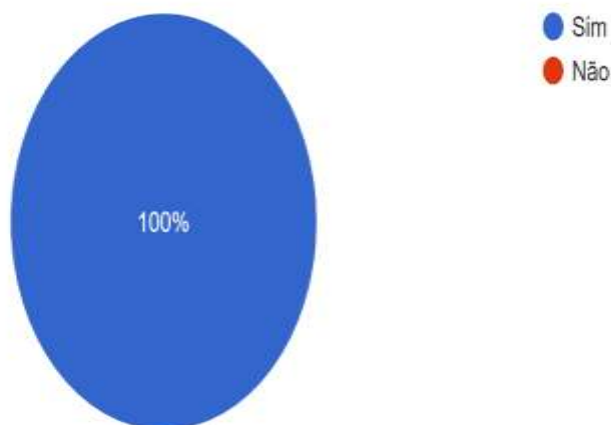
**Tabela 04: Antes da pandemia, que formas você utilizava para adaptar os conteúdos para seus alunos?**

Respostas	Quantidade	Porcentagem (%)
Utilizando jogos, mídias e brincadeiras	7	70%

Utilização de materiais reciclados com atividades lúdicas	1	10%
Planejando e executando o conteúdo conforme a especificidade e dificuldade de cada aluno	2	20%

Antes da pandemia os professores entrevistados relatavam que para adaptar os conteúdos para os alunos com NEE eles elaboravam materiais lúdicos, fazendo adaptações conforme a necessidade de cada aluno. Também utilizavam livros, imagens, vídeos e jogos.

Os professores também foram questionados se antes da pandemia em sala de aula eles buscavam metodologias para que os alunos deficientes e os ditos normais pudessem interagir juntos, os quais relataram que sim, de acordo com o que se verifica no gráfico 09.



**Gráfico 09: Antes da pandemia, e em sala de aula se buscava metodologias para que alunos deficientes e os ditos normais pudessem interagir juntos.**

Assim sendo, 100% dos professores entrevistados afirmaram que antes da pandemia buscavam metodologias para que os alunos deficientes e os ditos normais pudessem interagir

juntos, dentre essas metodologias citaram as atividades práticas e em grupos, as rodas de conversas, os jogos e brincadeiras educativas.

Sobre as metodologias utilizadas antes da pandemia para que os alunos deficientes e os ditos normais pudessem interagir juntos, o professores entrevistados descreveram as seguintes (tabela 05).

**Tabela 05: Metodologias utilizadas antes da pandemia para que os alunos com NEE e ditos normais interagissem.**

<b>Respostas</b>	<b>Quantidade</b>	<b>Porcentagem (%)</b>
Com atividades e dinâmicas em grupo	5	50%
Com a construção de materiais práticos	2	20%
Realização de jogos e brincadeiras lúdicas	3	30%

Como já relatado dentre as metodologias utilizadas os professores citaram as atividades práticas e em grupos, as rodas de conversas, os jogos e brincadeiras educativas, as quais permitiam a interação entre os alunos com deficiências e os ditos normais.

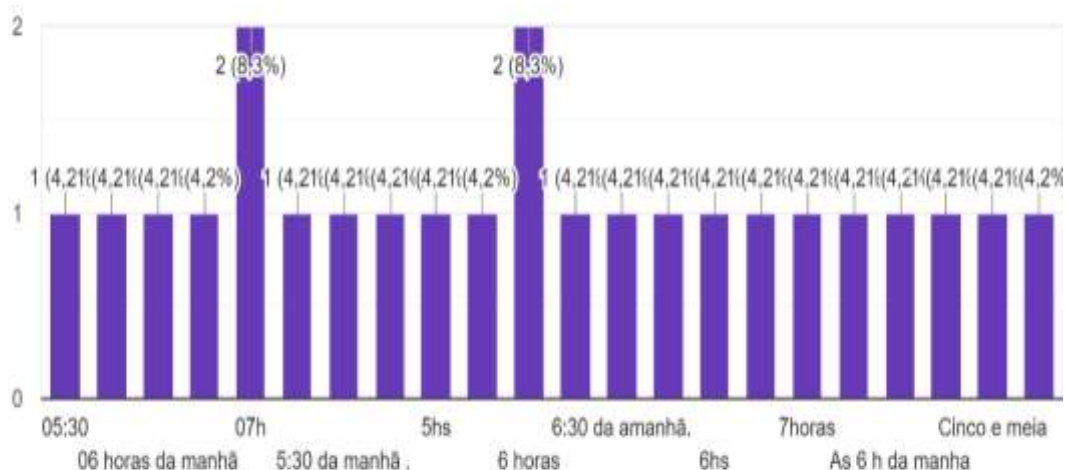
Estes professores aos questionados sobre a inclusão dos seus alunos com necessidades educativas especiais na escola antes da pandemia classificaram de diferente maneira, conforme descrito na tabela 06.

**Tabela 06: Classificação da inclusão dos alunos com necessidades educativas especiais na escola, antes da pandemia**

<b>Respostas</b>	<b>Quantidade</b>	<b>Percentagem (%)</b>
Regular	4	40%
Boa	3	30%
Muito boa	2	20%
Nota 8	1	10%

Estes professores classificam que antes da pandemia a inclusão dos alunos com necessidades educativas especiais era muito boa, embora as falhas existentes e a necessidade de melhorias. O trabalho era realizado sempre em grupo, priorizando a interação/socialização entre os alunos.

Adentrando na temática do sono, os professores entrevistados relataram que antes da pandemia acostumavam a acordar entre 6h e 7h da manhã, totalizando 8,3% cada, conforme se demonstra no gráfico 10.



**Gráfico 10: A que horas ou entre que horas se costumava levantar da cama ANTES do COVID.**

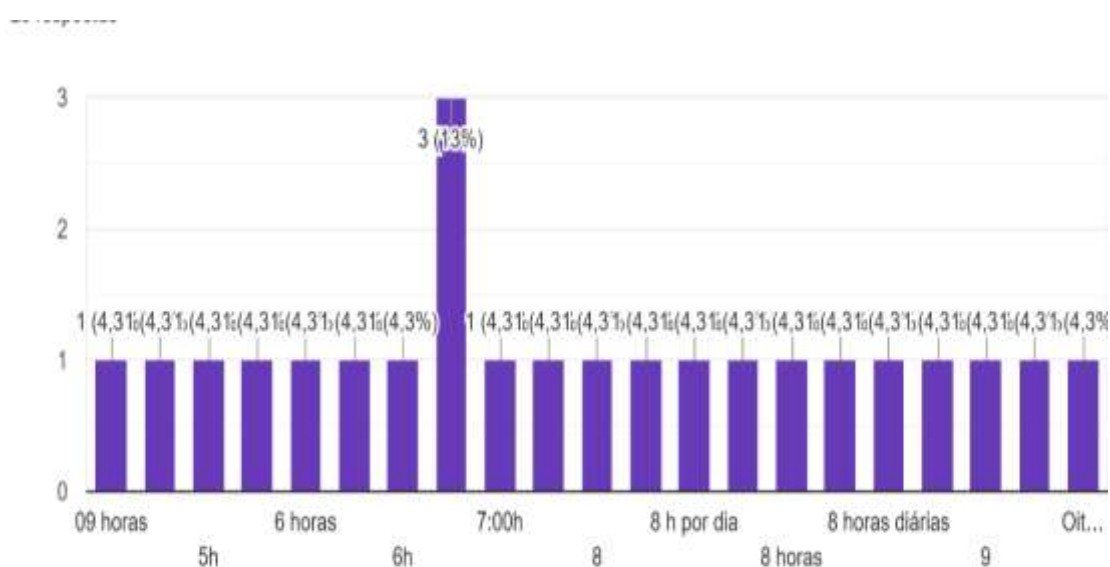
Para fins comparativo também foi questionado que horas os professores acordavam durante a pandemia do COVID-19, os quais apontaram diferentes horários, descritos na tabela 07.

**Tabela 07: A que horas ou entre que horas se costuma levantar da cama DURANTE a pandemia.**

Respostas	Quantidade	Porcentagem (%)
Entre as 05h e as 6h	4	40%
Entre as 06h01 e as 7h	3	30%
Entre as 07h01 e as 8h	2	20%
Entre as 08h01 e as 9h	1	10%

Já durante a pandemia a maior parte dos entrevistados relatou acordar entre 7h e 8h da manhã de acordo com o citado na tabela anterior. Diante disso, comparando os horários que acordam antes e durante a pandemia do COVID-19, percebe-se que houve uma alteração referente ao sono, visto que, durante o período pandêmico estes professores passaram a acordar em média 1h mais tarde.

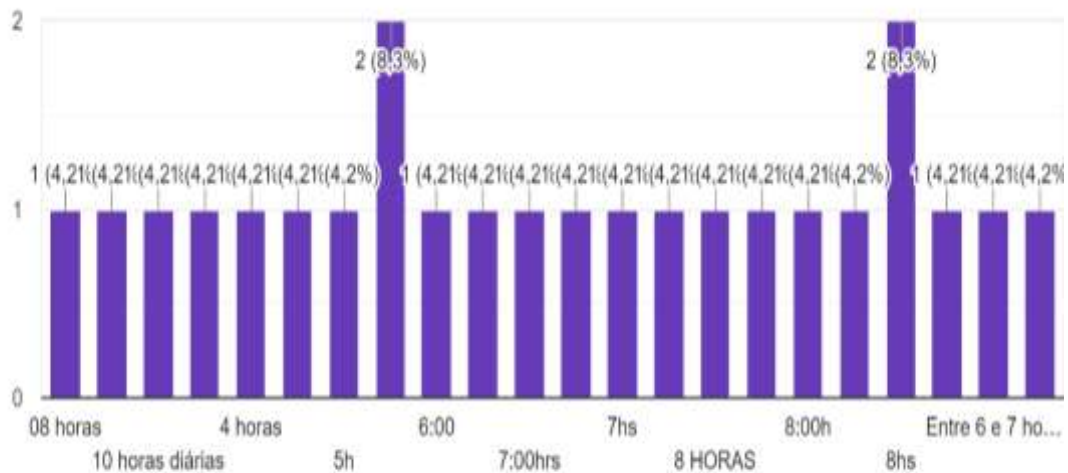
Por outro lado quando questionados sobre a quantidade da horas reais de sono diários antes do COVID-19 estes apontaram diferentes horas, descritas no gráfico 11.



**Gráfico 11: Quantas horas reais, em média, de sono "dormia mesmo" diariamente ANTES do COVID.**

Quanto as horas reais de sono, a maioria dos entrevistados responderam que dormem entre 6h a 8h de sono, isso desconsiderando o tempo que ficam na cama após acordarem, ou seja, essa quantidade de horas relatadas são as efetivamente dormidas.

Na ocasião também responderam sobre as horas reais de sono durante a pandemia, as quais são demonstradas no gráfico 12.



**Gráfico 12: Quantas horas reais, em média, de sono "dorme mesmo" diariamente DURANTE o COVID.**

Já durante a pandemia do COVID-19 a maioria relatou dormi entre 8h e 9h de sono. Há destaque para 4,2% que relataram dormi por dia consecutivo até 10h de sono. Assim, percebe-se que na pandemia a quantidade de horas de sono reais aumentou, este resultado também não considera a quantidade de tempo que estes professores ficam na cama, considerando apenas o tempo de sono efetivo.

No que se refere a quantidade de tempo que levavam para adormecer antes da pandemia do COVID-19 em minutos, os entrevistados na categoria professores apontaram as seguintes horas. (Tabela 08)

**Tabela 08: Quanto tempo levava a adormecer ANTES do COVID em minutos.**

Respostas	Quantidade	Porcentagem (%)
5 a 10 minutos	2	20%
11 a 15 minutos	1	10%

16 a 30 minutos	4	40%
31 minutos ou mais	3	30%

Antes da pandemia do COVID-19 a maioria relatava que levava em média 30 minutos para adormecer, sendo que relatavam levantar-se pelo menos uma vez por noite. Este resultado se refere ao tempo que já na cama esses entrevistados adormeciam.

Também para fins comparativos foi perguntado quanto tempo levavam para adormecer durante o COVID em minutos, sendo relatada as respostas na tabela 09.

**Tabela 09: Quanto tempo levava a adormecer DURANTE o COVID em minutos.**

<b>Respostas</b>	<b>Quantidade</b>	<b>Percentagem (%)</b>
5 a 10 minutos	4	40%
11 a 15 minutos	2	20%
16 a 30 minutos	2	20%
31 minutos ou mais	2	20%

Durante a pandemia relataram levar de 5 a 10 minutos para adormecer, sendo que durante a pandemia relataram levantar-se entre 3 a 4 vezes por noite durante o sono. Verifica-se que durante a pandemia os entrevistados adormeciam mais rápido em relação ao período anterior a pandemia, possivelmente porque iam mais tarde para cama e automaticamente já com sono.

Sobre o uso do despertador para acordar seja antes ou durante a pandemia do COVID-19 os entrevistados apontaram diferentes respostas, conforme ilustrado no gráfico 13.

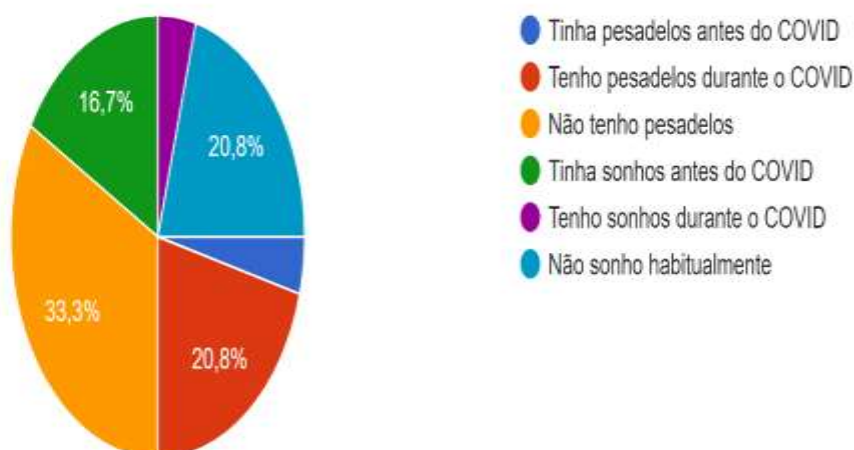


**Gráfico 13: Usava/ Usa despertador para acordar antes e durante a pandemia do COVID-19.**

Quanto ao uso do despertador para levantar-se, antes do COVID-19 41,7% dos entrevistados afirmaram fazer uso do despertador para levantar-se. Já durante a pandemia esse número reduziu para 20,8% do uso de despertador.

Verifica-se que durante a pandemia reduziu bastante a quantidade de entrevistados que fazia uso do despertador para levantar-se, o que pode se justificar devido boa parte das categorias de trabalho passaram a trabalhar na modalidade teletrabalho, onde cumpriam tarefas, mas não necessariamente horários de expedientes.

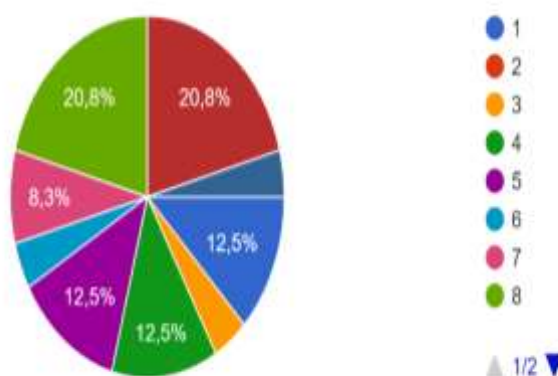
Ainda sobre a temática do sono os professores foram questionados se tinham sonos ou pesadelos com alguma frequência antes e durante a pandemia, tais respostas foram ilustradas no gráfico 14.



**Gráfico 14: Tinha/ tem sonhos ou pesadelos com alguma frequência? Pode responder a várias respostas.**

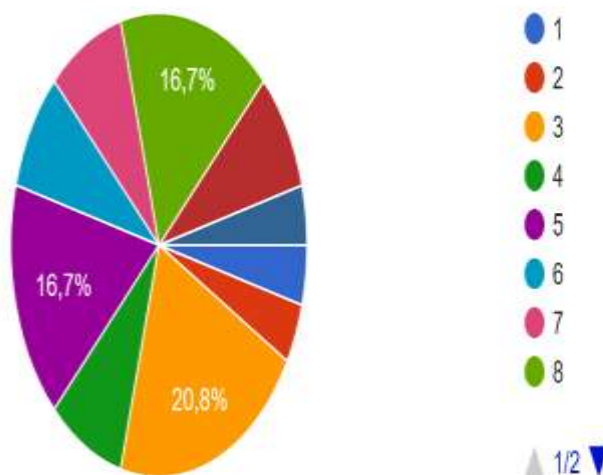
Quanto a sonhos e pesadelos durante o sono antes da pandemia 16,7% dos entrevistados disseram ter pesadelos, já durante a pandemia esse número aumentou para 20,8%. Induz-se que esse aumento na quantidade de sonhos e pesadelos durante a pandemia do COVID-19 se deu devido as preocupações e aflições decorrentes do período de incertezas desse novo vírus que fez várias vítimas em todo o mundo.

Já quanto a qualidade do sono antes do COVID-19, os entrevistados avaliaram conforme demonstrado no gráfico 15.



**Gráfico 15: Como classifica a qualidade do seu sono antes do COVID.**

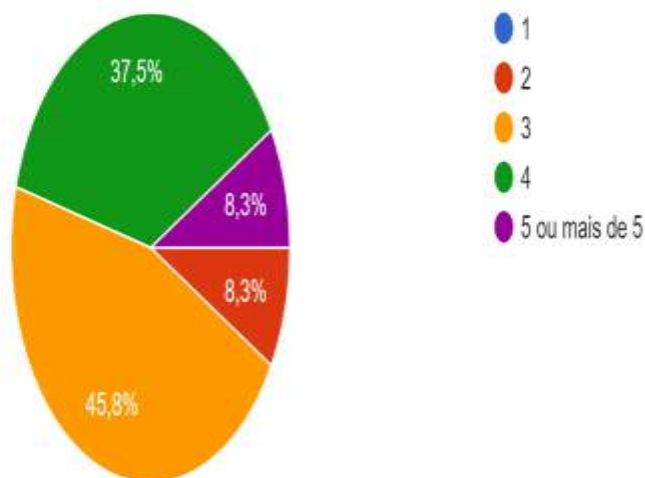
No que se refere a qualidade do sono 20,8% avaliou a qualidade com uma nota 8, no total de nota 10. Já outros 20,8% avaliou com nota 2. Também foi avaliada essa qualidade do sono durante o COVID-19, com os resultados demonstrados no gráfico 16.



**Gráfico 16: Como classifica a qualidade do seu sono durante o COVID? Seleccione um número conforme sente.**

Já durante a pandemia 16,7% avaliaram a qualidade do sono com nota 8 e 20,8% com nota 3. Comparando as respostas sobre a qualidade do sono antes e durante a pandemia do COVID-19 percebeu-se que na avaliação dos professores entrevistados essa qualidade diminuiu durante o período pandêmico, o que se pode relacionar com a questão dos sons e pesadelos que aumentaram nesse período.

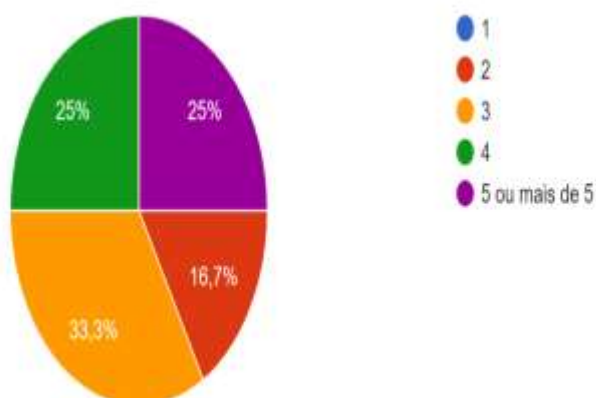
Outra questão avaliada entre os entrevistados foi os hábitos alimentares, sobre isso foram questionados quantas refeições faziam por dia antes do COVID-19, sendo as respostas demonstradas no gráfico 17.



**Gráfico 17: Quantas refeições fazia por dia antes do COVID.**

Antes da pandemia 45,8% dos professores entrevistados relataram fazer 3 refeições por dia, seguido de 37,5% que relataram fazer 4 refeições. Já 8,3% relataram fazer 5 ou mais refeições.

Também para fins comparativo foi questionado quantas refeições faziam durante a pandemia do COVID-19, estando as respostas ilustradas no gráfico 18.



**Gráfico 18: Quantas refeições faz por dia durante o COVID.**

Já durante a pandemia 33,3% relataram fazer 3 refeições e 25% faziam 4 refeições e outros 25% faziam 5 ou mais refeições. Analisando os dois últimos gráficos verifica-se que a quantidade de refeições realizadas por dia reduziu durante a pandemia do COVID-19, possivelmente devido ao fato de que durante a pandemia os entrevistados dormiram mais horas.

Coutinho (2021) em estudo recente sobre os distúrbios alimentares durante a pandemia do COVID-19 entende que a ansiedade e redução de jornada escolar e de trabalho acabaram gerando dentre várias consequências os distúrbios alimentares, fazendo dependendo de cada indivíduo que comam mais ou menos do que o necessário e saudável.

No que se refere a diferença entre a alimentação antes e durante a pandemia do COVID-19 os entrevistados apontaram diferentes respostas, as quais referente ao período anterior ao COVID-19 são demonstradas no gráfico 19.



**Gráfico 19: Qual a diferença na sua alimentação antes e durante o COVID? Durante o COVID comia mais.**

Para fins comparativos avalia-se em conjunto com o gráfico 20, o qual questiona sobre a diferença na alimentação durante o COVID-19.



**Gráfico 20: Qual a diferença na sua alimentação antes e durante o COVID? Durante o COVID comia menos.**

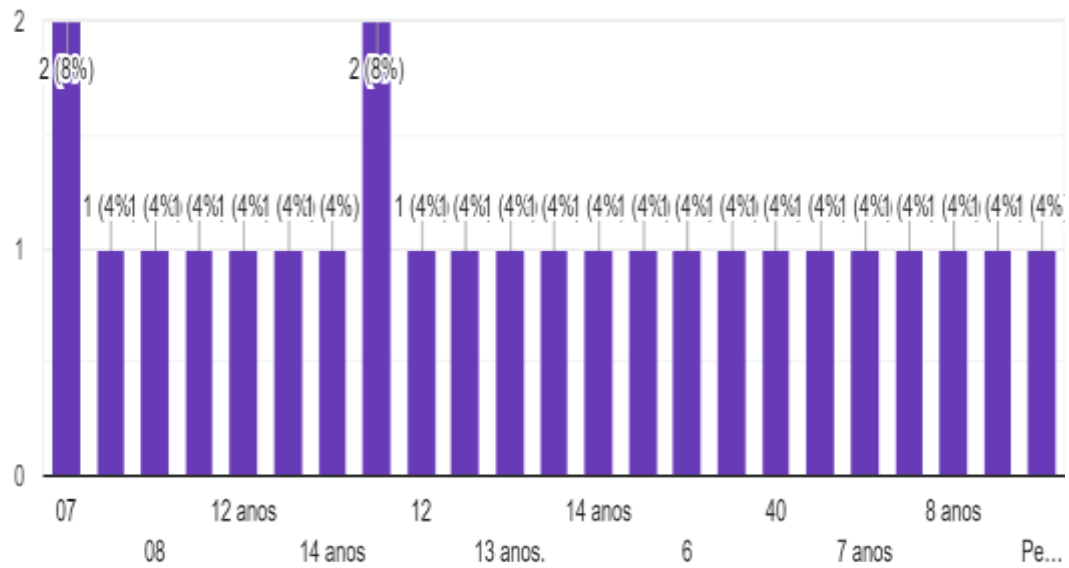
Comparando o gráfico 19 e 20 percebe-se que no que se refere a alimentação antes da pandemia os professores entrevistados comiam mais carne ou peixe, totalizando um percentual de 45,8% e comiam menos ovos, totalizando um percentual de 39,1%.

Posteriormente foram aplicados questionários aos alunos visando estudar os hábitos de sono e alimentares de alunos com necessidades educativas especiais (NEE), especificamente alunos com Transtorno do Espectro do Autismo antes e durante a Pandemia por COVID-19. Os resultados passam a ser ilustrados:

#### 4.2. Alunos com transtorno do espectro do autismo

Como se tratam de alunos crianças, os entrevistados foram seus pais e/ou responsáveis, os quais responderam a questionário via *google forms*, respondendo perguntas pré-definidas sobre o educando e seus hábitos de sono e alimentar antes e durante a pandemia do COVID-19.

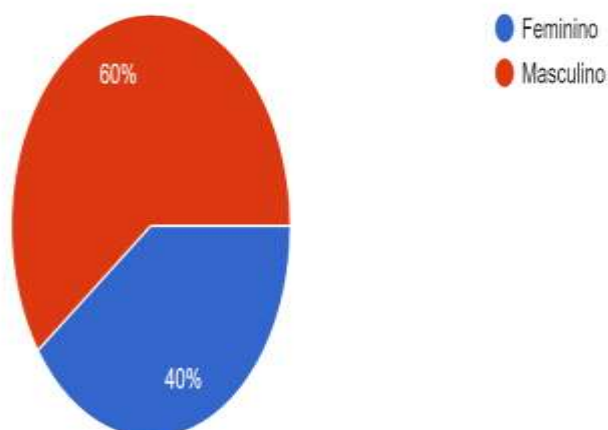
Sobre a idade dos educandos, o gráfico 21 demonstra essas idades, estando a maioria na mesma faixa etária, conforme se observa.



**Gráfico 21: Qual a idade de sua/seu educanda(o).**

Já quanto as discussões referentes aos questionários aplicados aos alunos visando estudar os hábitos de sono e alimentares de alunos com necessidades educativas especiais (NEE), antes e durante a Pandemia por COVID-19, os resultados demonstraram que a maioria dos que responderam ao questionário tem 11 anos de idade, correspondendo a um percentual de 8%, mesmo percentual estão os com 7 anos de idade.

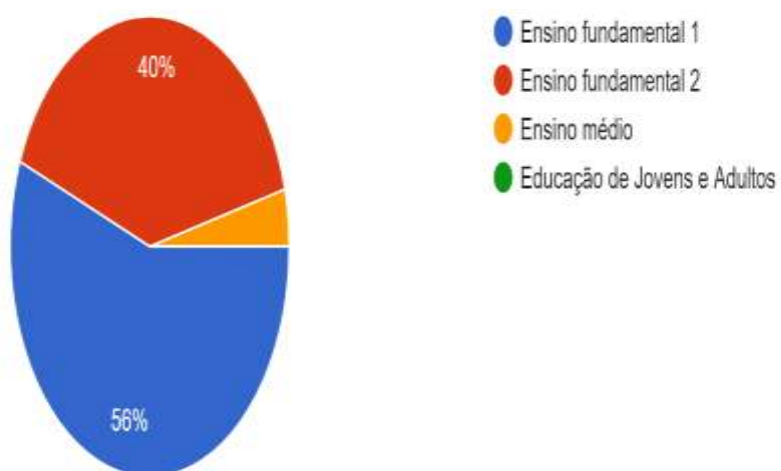
Sobre o sexo a maioria dos educandos é do sexo masculino, conforme ilustrado no gráfico 22.



**Gráfico 22: Qual o sexo de sua/seu educanda(o).**

Quanto ao sexo dos entrevistados 60% dos mesmos são do sexo masculino e os outros 40% do sexo feminino. Comparando com o sexo dos professores verifica-se que se tem a maioria de professores do sexo feminino, já os seus alunos na maioria são do sexo masculino.

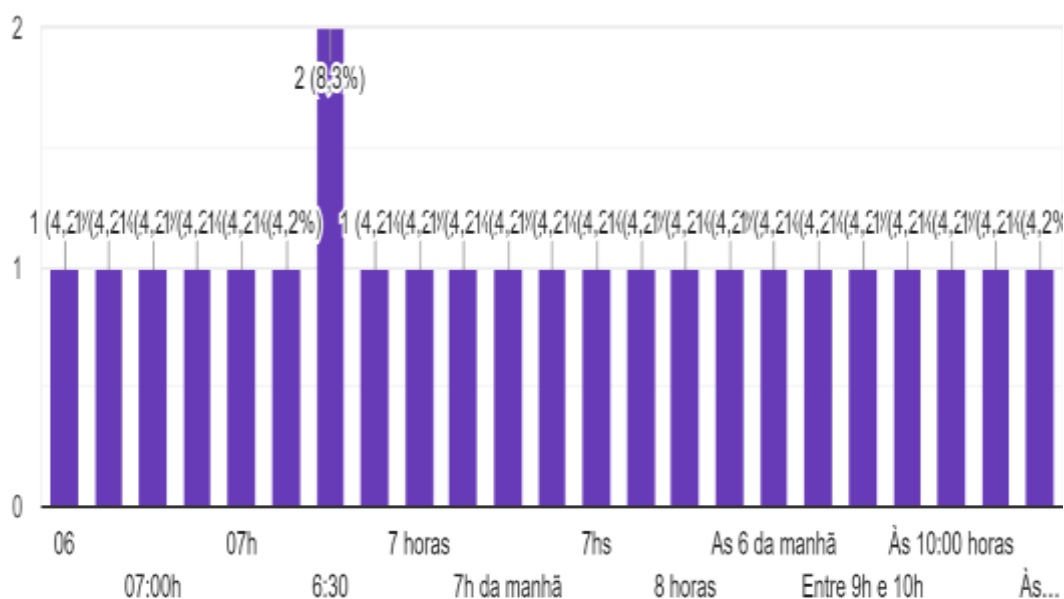
Já sobre o nível de ensino que o educando frequenta, as respostas são demonstradas no gráfico 23.



**Gráfico 23: Qual o nível de ensino que sua/seu educanda(o) frequenta.**

No que se refere ao nível de ensino 56% dos entrevistados estão no Ensino Fundamental 1, outros 40% no Ensino Fundamental 2 e os outros 4% são do ensino médio. Assim, verifica-se que o público entrevistado prioritariamente é do Ensino Fundamental 1.

Especificamente sobre o objeto de estudo deste trabalho referente ao sono, os entrevistados foram questionados sobre o horário que costumavam se levantar da cama antes do COVID-19, o que foi demonstrado no gráfico 24.



**Gráfico 24: A que horas se costumava levantar da cama ANTES do COVID.**

Ao que se refere especificamente aos objetos de investigação da pesquisa através da aplicação dos questionários foi possível observar que antes da pandemia do COVID-19 os alunos levantavam da cama em média 6 horas e 30 minutos da manhã, correspondendo a 8,3% dos entrevistados, percentual que corresponde a maioria dos entrevistados.

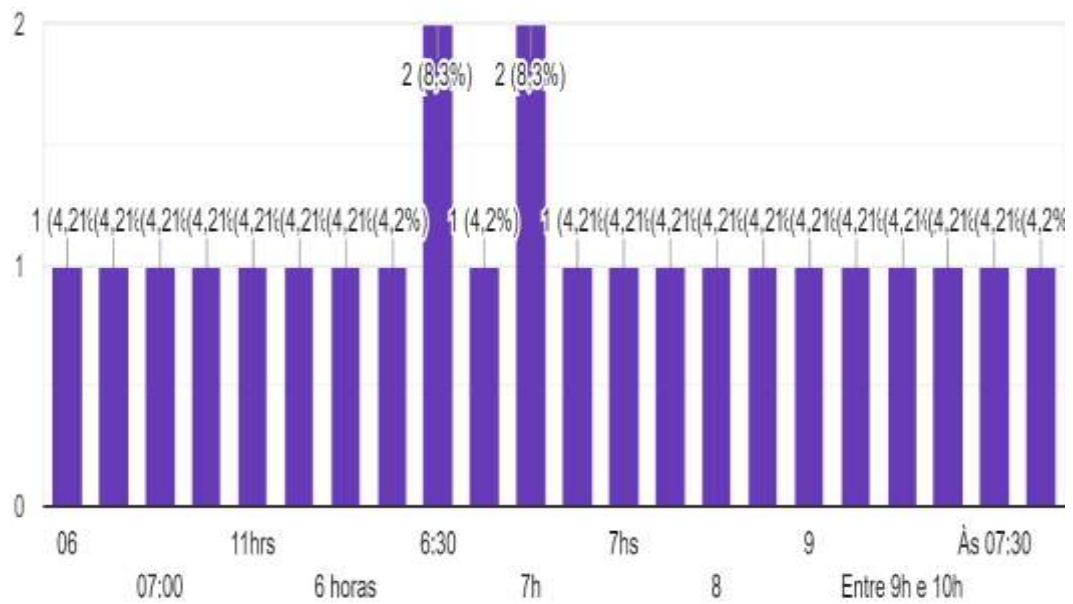
Por outro lado quanto ao horário que costumavam se levantar da cama durante o COVID-19, os entrevistados responderam, conforme o demonstrado na tabela 10.

**Tabela 10: A que horas se costuma levantar da cama DURANTE o COVID.**

<b>Respostas</b>	<b>Quantidade</b>	<b>Percentagem (%)</b>
Até 7h	4	13%
De 7h01 a 9h	7	23%
De 9h01 a 11h	14	47%
Após 11h01	5	17%

Ainda relacionado ao sono sobre o questionamento referente a que horas costumavam se levantar da cama durante a pandemia do COVID-19 a maioria dos entrevistados respondeu as 8 horas da manhã, o que corresponde a 32% dos entrevistados. Este percentual foi seguido dos que se disseram se levantar as 10 horas da manhã, correspondente a 20% dos entrevistados.

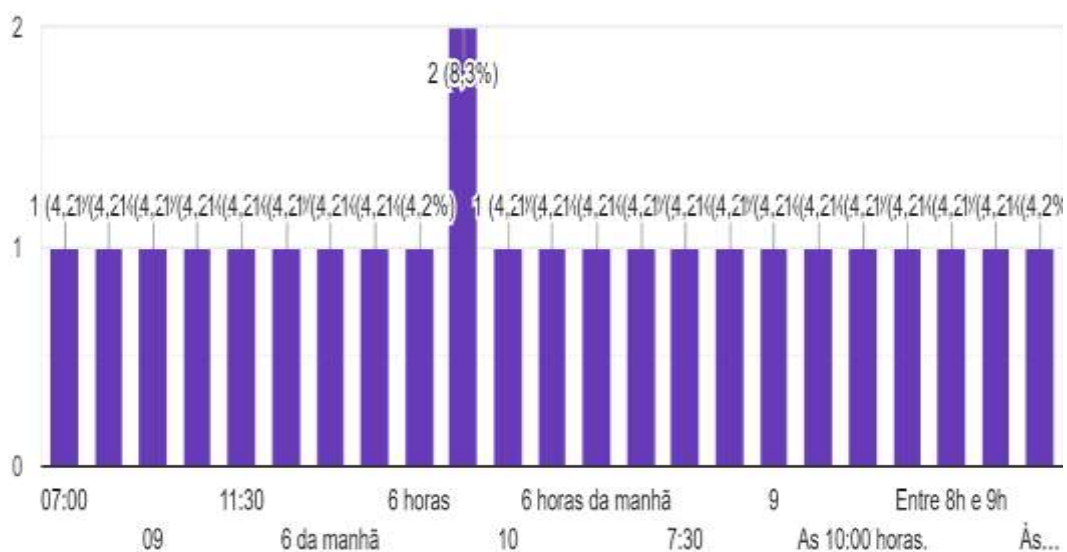
Já quanto ao horário que costumavam se levantar da cama antes do COVID-19, as respostas foram ilustradas no gráfico 25.



**Gráfico 25: A que horas se costumava levantar da cama ANTES do COVID.**

Já ao que se refere especificamente aos objetos de investigação da pesquisa através da aplicação dos questionários foi possível observar que antes da pandemia do COVID-19 os alunos levantavam da cama em média 6 horas e 30 minutos da manhã, correspondendo a 8,3% dos entrevistados, percentual que corresponde a maioria dos entrevistados.

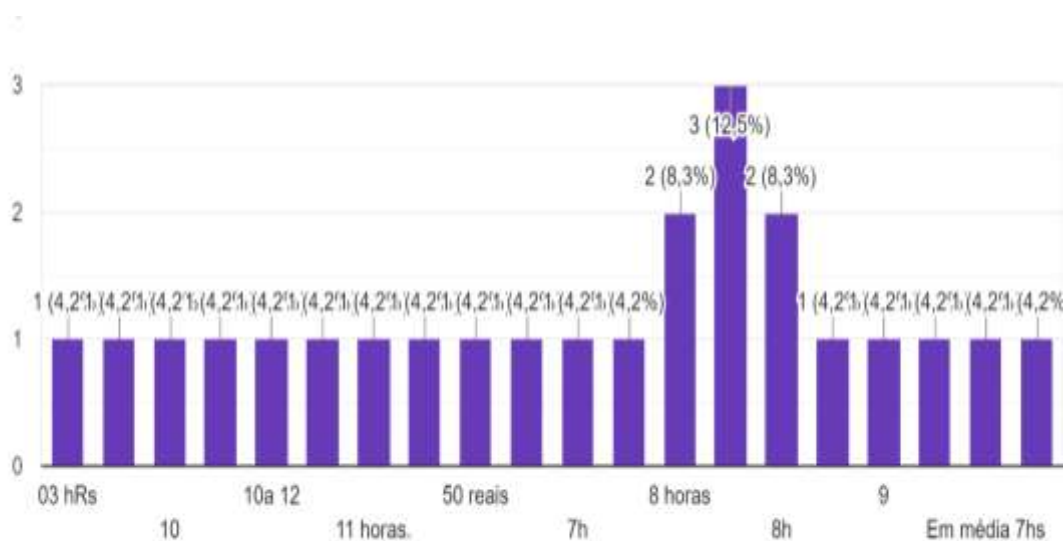
Para fins comparativos no gráfico no gráfico 26 segue as respostas quanto as horas que costumavam se levantar da cama durante a pandemia do COVID-19.



**Gráfico 26: A que horas se costuma levantar da cama DURANTE o COVID.**

Ainda relacionado ao sono sobre o questionamento referente a que horas costumavam se levantar da cama durante a pandemia do COVID-19 a maioria dos entrevistados respondeu as 8 horas da manhã, o que corresponde a 32% dos entrevistados. Este percentual foi seguido dos que se disseram se levantar as 10 horas da manhã, correspondente a 20% dos entrevistados.

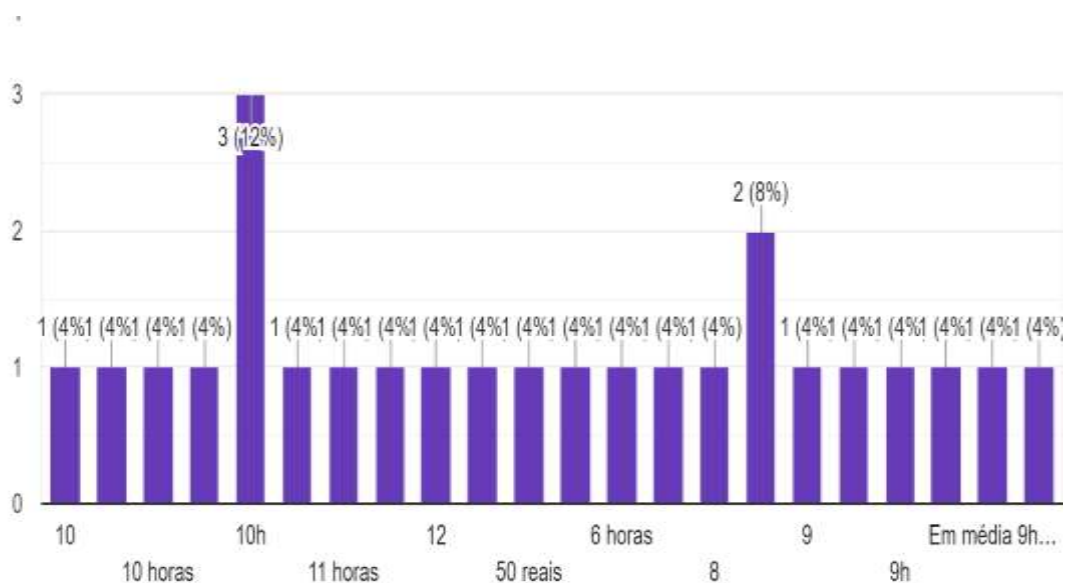
Já quanto as horas reais de sono que dormiam em média diariamente antes do COVID, os entrevistados apontaram as seguintes respostas, ilustradas no gráfico 27.



**Gráfico 27: Quantas horas reais, em média, de sono "dormia mesmo" diariamente ANTES do COVID.**

Antes da pandemia do COVID-19 os entrevistados disseram que dormiam em horas reais aproximadamente 8 horas por dia, correspondendo a aproximadamente 29% dos entrevistados.

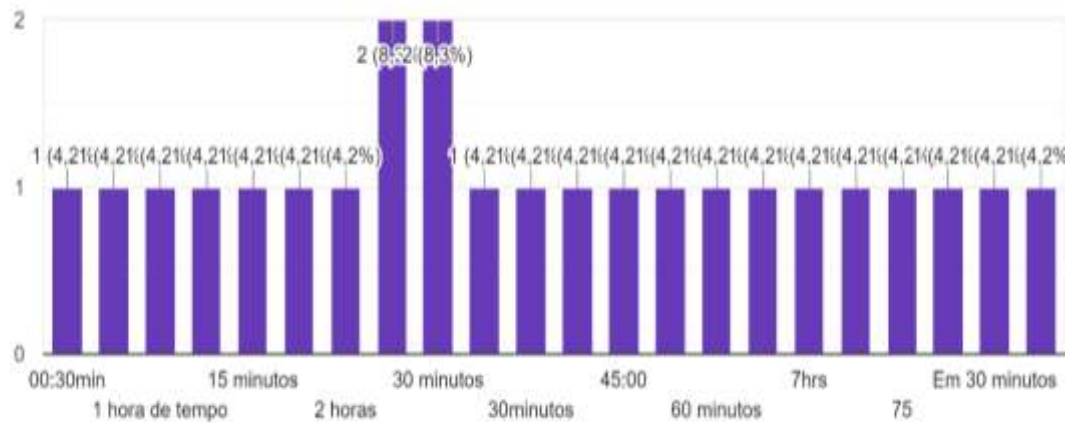
Por outro lado, quando questionados sobre em média quantas horas reais dormiam diariamente durante o período pandêmico, os entrevistados responderam sobre os educandos o demonstrado no gráfico 28.



**Gráfico 28: Quantas horas reais, em média, de sono "dorme mesmo" diariamente DURANTE o COVID.**

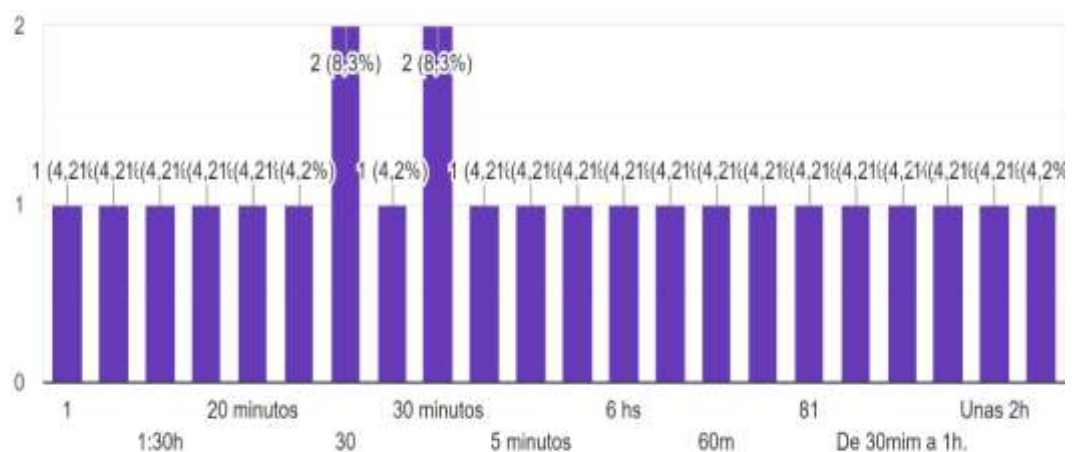
Já durante a pandemia em horas reais a maioria respondeu que os educandos dormiam em média de 10 horas por dia, o que totaliza 16% dos entrevistados. Fazendo um comparativo com o gráfico anterior percebe-se que durante o período de pandemia do COVID-19 os educandos dormiram em média duas horas a mais por dia, comprando com o período anterior a pandemia.

Sobre a quantidade de tempo que levava para adormecer antes do COVID-19 em minutos, as respostas foram demonstradas no gráfico 29.



**Gráfico 29: Quanto tempo levava a adormecer ANTES do COVID em minutos.**

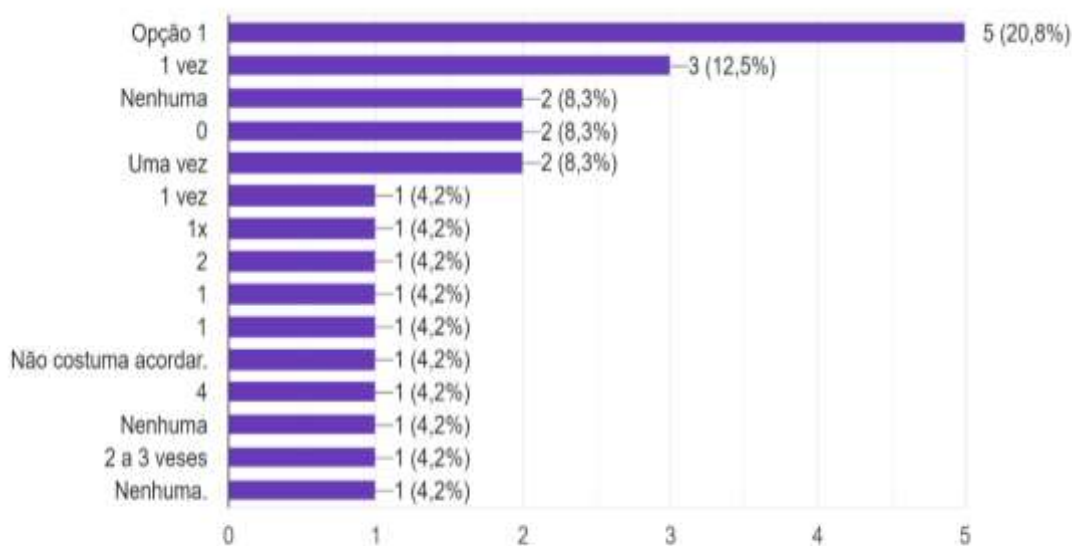
Já quanto tempo levava para adormecer antes da pandemia a maioria levava 30 minutos, respostas correspondentes a 8% dos entrevistados. Também para efeitos comparativos foram questionados sobre quanto tempo levavam para adormecer durante a pandemia do COVID-19 em minutos, respostas que foram demonstradas no gráfico 30.



**Gráfico 30: Quanto tempo levava a adormecer DURANTE o COVID em minutos.**

Durante a pandemia do COVID-19 a maioria também respondeu levar em média 30 minutos para adormecer, correspondente a 8%. Verifica-se que se manteve o tempo que levam para adormecer, embora a quantidade de horas dormidas efetivamente durante a pandemia tenham aumentado.

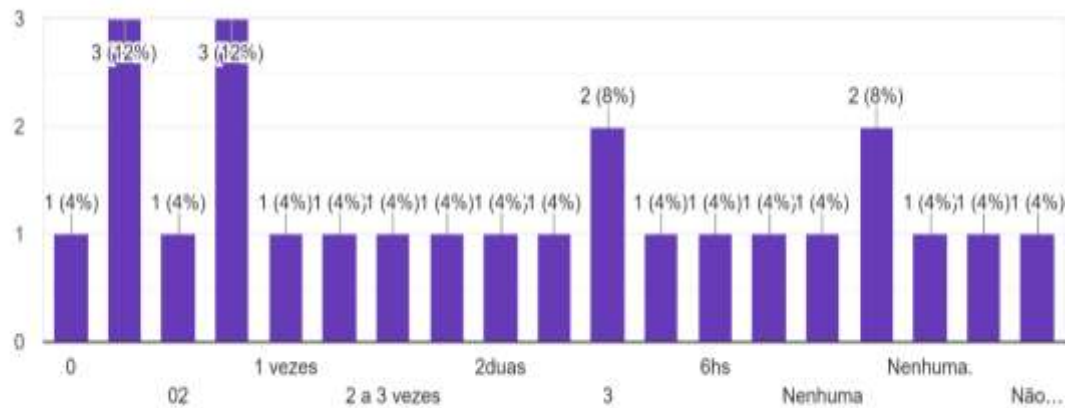
No que se refere a quantidade de vezes que acordavam por noite antes do período de pandemia do COVID-19, os entrevistados responderam pelos educandos (as), conforme o ilustrado no gráfico 31.



**Gráfico 31: Quantas vezes acordava por noite ANTES do COVID.**

Sobre quantas vezes acordavam por noite antes da pandemia a maioria respondeu que se levantavam apenas uma vez, o que correspondeu a 50% dos entrevistados. Sendo que 29% responderam que não acostumava acordar nenhuma vez.

Referente a quantas vezes os educandos (as) se acordavam por noite durante o COVID-19, os mesmos responderam de acordo com o que está demonstrado no gráfico 31.



**Gráfico 32: Quantas vezes acordava por noite DURANTE o COVID.**

Por outro lado, durante a pandemia os entrevistados responderam que os alunos não se levantavam nenhuma vez, totalizando 16% dos entrevistados. Outros 16% responderam se levantar em média duas vezes por noite. Outros 20% responderam se levantar uma única vez.

Sobre o uso do despertador antes e durante a pandemia do COVID-19 as respostas foram demonstradas no gráfico 32.



**Gráfico 33: Usava/ Usa despertador para acordar? Pode responder a várias respostas.**

Para se levantar antes e durante a pandemia os entrevistados responderam que 36% dos alunos não eram acostumados a usar despertador para se levantar. Outros 32% responderam usar despertador antes da pandemia e outros 12% faziam uso durante a pandemia.

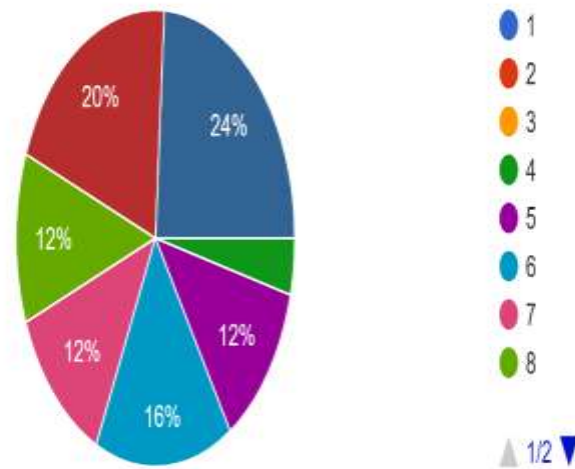
Quando perguntados se os educandos (as) tinham sonhos ou pesadelos com alguma frequência antes e durante a pandemia do COVID-19, as respostas foram as seguintes (Gráfico 33)



**Gráfico 34: Tinha/ tem sonhos ou pesadelos com alguma frequência? Pode responder a várias respostas.**

Sobre sonhos e pesadelos durante o sono 48% dos entrevistados responderam que não tem pesadelos, outros 16% responderam que tinham sono antes do COVID-19 e outros 16% que não sonham habitualmente. Já 12% dos entrevistados responderam ter pesadelos durante a pandemia do COVID-19.

Por outro lado quanto a qualidade do sono dos educandos (as) os entrevistados avaliaram, conforme o gráfico 34.

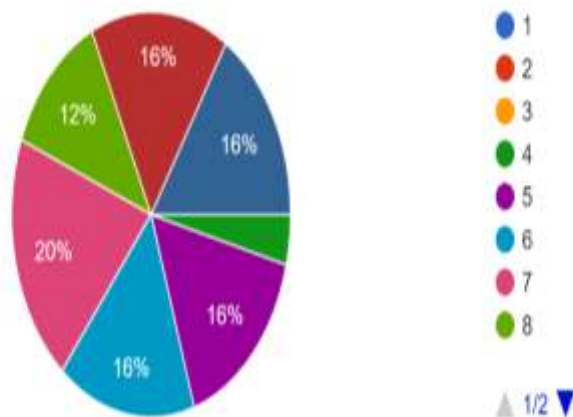


**Gráfico 35: Como classifica a qualidade do sono de sua/seu educanda(o) antes do COVID.**

Os entrevistados avaliando a qualidade do sono dos educandos antes da pandemia responderam em sua maioria com nota 1, totalizando 24% dos entrevistados. Outros 20% deram nota 2 a qualidade do sono. Com nota 6 responderam 16% dos entrevistados. A maior nota atribuída para qualidade do sono foi nota 8, equivalente a 12% dos entrevistados.

Ciasca (2015) sobre a qualidade do sono entende ser fundamental para o pleno exercício da vida educacional da pessoa com NEE, visto que, a ausência de uma qualidade do sono pode gerar diferentes transtornos neurológicos.

Os entrevistados também avaliaram a qualidade do sono durante o período pandêmico do COVID-19, conforme ilustrado no gráfico 35.

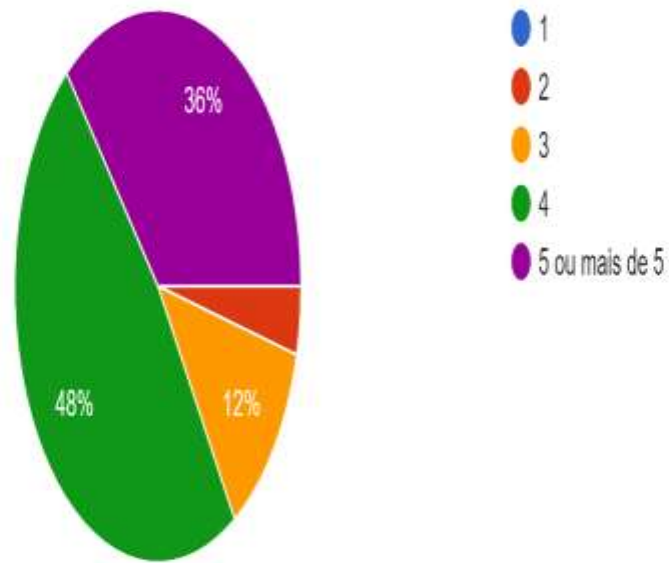


**Gráfico 36: Como classifica a qualidade do sono de sua/seu educanda(o) durante o COVID.**

Durante a pandemia do COVID-19, 20% avaliaram com nota 7 a qualidade do sono dos educandos, 16% deram nota 6, outros 16% atribuíram nota 2, mais 16% atribuíram nota 1 e a maior nota também sendo nota 8, foram as respostas de 12% dos entrevistados.

Em relação às crianças, uma boa qualidade de sono é essencial para o desenvolvimento infantil. Estudos comprovam que a falta de sono pode comprometer a saúde física e mental, além de interferir no crescimento e no desenvolvimento. (Richter et al., 2020)

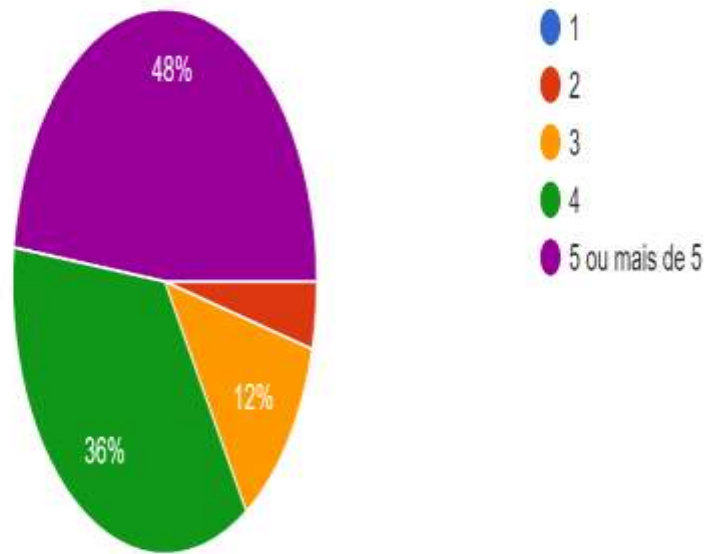
Passando para análise das refeições dos educandos (as) sobre a quantidade de refeições que faziam por dia antes do COVID-19 os entrevistados responderam, de acordo com o demonstrado no gráfico 36.



**Gráfico 37: Quantas refeições fazia por dia antes do COVID.**

Quanto a alimentação dos alunos antes da pandemia, os entrevistados responderam que em média 48% dos alunos faziam 4 refeições por dia. E outros 36% fazem 5 refeições ou mais. Outros 12% faziam 3 refeições diárias.

Já o gráfico 37 irá demonstrar quantas refeições os educados (as) faziam durante a pandemia do COVID-19.



**Gráfico 38: Quantas refeições faz por dia durante o COVID.**

Já durante a pandemia aumentou para 48% a porcentagem dos alunos que fazem 5 refeições por dia, outros 36% fazem 4 refeições e 12% fazem 3 refeições por dia. Ou seja, durante a pandemia os educandos (as) faziam mais refeições.

Já no que se refere a alimentação dos educandos (as) antes e durante a pandemia do COVID-19, o gráfico 38 demonstra o que mais comiam durante esse período pandêmico.



**Gráfico 39: Qual a diferença na sua alimentação antes e durante o COVID? Durante o COVID comia mais.**

Sobre a alimentação 44% responderam que os alunos se alimentavam de carne e peixe durante a pandemia do COVID-19, outros 16% se alimentavam de pão, cereais, arroz e massas. 12% responderam se alimentar de alimentos processados, 8% de leites, queijos e iorgutes. Outros 8% afirmaram consumir gorduras (manteigas, óleos e etc).

Também foi questionado o que os educandos (as) menos comiam durante o COVID-19, respostas ilustradas no gráfico 39.



**Gráfico 40: Qual a diferença na sua alimentação antes e durante o COVID? Durante o COVID comia menos.**

Já referente ao que se comia menos antes da pandemia do COVID-19, 32% respondeu que os alunos comiam menos carne ou peixe. 12% responderam que comiam menos pão, cereais, arroz e massas, outros 12% que comiam menos comidas já cozidas, prontas. Ainda exemplificando 8% afirmaram que os alunos comiam menos comidas processadas.

Para que se possa manter uma boa rotina de sono e alimentação é necessário ter horários corretos para dormir e acordar. A rotina escolar contribui para uma rotina de sono e alimentação, pois obriga as crianças e os adolescentes a acordarem cedo e lhes estimula a dormir mais cedo. No entanto, o cenário atual, de enfrentamento da pandemia da COVID-19, mudou completamente esta rotina escolar, com as crianças estudando em casa, através da internet e, muitas vezes, com um horário de estudo mais flexível (Richter et al., 2020).

## 5 CONCLUSÕES

Foi possível verificar que a atividade docente sofreu impactos com a pandemia do COVID-19, sendo que tal impacto também foi observado fora da vida profissional, visto que, os entrevistados reportaram mudanças nos seus hábitos diários de vida e de atividade docente.

Também constatou-se que a maioria dos professores do ensino fundamental do universo pesquisa possuem mais de uma década de atuação profissional. Já quanto a formação, os entrevistados possuem prioritariamente especialização.

A maioria dos professores entrevistados atuam no ensino fundamental 1 e pelo critério de exclusão todos trabalham com alunos com NEE, especificamente, com alunos com Transtorno do Espectro do Autismo.

No geral fazendo, um paralelo com o período anterior à Pandemia por COVID-19 e o período posterior constatou-se que uma maior dificuldade dos professores atuantes na educação especial, nomeadamente quanto à falta de recursos materiais e de investimento no atendimento aos alunos com NEE, assim como, a falta de participação ativa dos pais ou responsáveis pelos alunos, no processo de ensino-aprendizagem destes alunos.

Quanto as estratégias utilizadas antes da pandemia, os professores utilizaram metodologias para que os alunos com TEA e os ditos normais pudessem interagir juntos, através de atividades práticas e em grupos, projetos envolvendo toda comunidade escolar, as rodas de conversas, os jogos e brincadeiras educativas e materiais lúdicos.

Os professores relataram diferentes dificuldades para que com qualidade ocorra a educação especial, no entanto, mesmo diante dessas dificuldades para eles a educação especial ocorria antes da pandemia do COVID-19, em virtude, dos esforços e diferentes estratégias adotadas por eles por acreditarem na educação.

Especificamente quanto à temática do sono foi possível observar que tanto os professores, quanto os alunos passaram a acordar mais tarde e a dormir mais com a pandemia. Além disso, com a pandemia verificou-se uma redução de mais de 20% do uso de despertador entre os entrevistados.

No entanto, embora, o público entrevistado (professores e alunos) durmam mais com a pandemia, isso não significa necessariamente que haja mais qualidade nesse sono, pois, a exemplo, houve um aumento no número de pessoas que relataram ter pesadelos durante o sono, o qual representou mais de 20% dos entrevistados.

Outro exemplo, quanto à qualidade do sono durante a pandemia não ser boa foi o fato de que mais de 20% dos entrevistados avaliaram com nota 3 (de zero a dez) a qualidade do sono, verificando-se uma diminuição da qualidade do sono relativamente ao período anterior à pandemia.

Já quanto à alimentação foi possível concluir que, tanto entre os professores, como os alunos reportaram mudanças nos seus hábitos alimentares, nomeadamente no que diz respeito ao número de refeições realizadas (aumentou de 8,3% para 25% o número de pessoas que fazem de 5 refeições ou mais). Desta forma, parece-nos possível concluir que os novos horários e as novas rotinas causadas pela pandemia po COVID-19 alteraram a atividade diária dos docentes e dos alunos, assim como, os hábitos de sono e alimentares de ambos.

## 6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Affonso, C. (2021). *A alimentação e a saúde humana*. São Paulo, USP.

Agência Brasil. (2022). *Informativo sobre o COVID-19*. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/saude/noticia/2020-09/covid-19-brasil-registra-1031-mortes-nas-ultimas-24-horas>. Acesso em: 02 fev. 2022.

Amigues, R. (2004). *Trabalho do professor e trabalho de ensino*. Londrina, Eduel.

Arantes, V. (2016). *Inclusão escolar*. São Paulo, Summus.

Asbahr, F. (2005). *A pesquisa sobre a atividade pedagógica: contribuições da teoria da atividade*. Revista Brasileira de Educação, n. 29, maio/jun/jul/ago.

Associação Psiquiátrica Americana. (2016). *Manual de Diagnósticos e Estatísticas de Transtornos Mentais*. Porto Alegre, Artes Médicas.

Balaban, D. (2007). *Direito humano à alimentação adequada – REVISTA NUTRIÇÃO PROFISSIONAL*, Nº 12, P. 12-19, MARÇO/ABRIL, São Paulo, Ed. Racine.

Basso, I. (1994). *As condições subjetivas e objetivas do trabalho docente: um estudo a partir do ensino de história*. Tese de doutorado. Campinas, Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas.

Belisário Filho, J. e Cunha, P. (2010). *A educação especial na perspectiva da inclusão escolar*. Brasília, Ministério da Educação.

Berimbau, M. (2011). *Domínio e uso das tecnologias de apoio à comunicação e aprendizagem a crianças e jovens com necessidades educativas especiais, pelos professores da educação especial*. Dissertação de Mestrado, Portugal, Escola Superior de Educação de Lisboa.

Braga, W. (2018). *Autismo azul e de todas as cores*. São Paulo, Paulinas.

Camargo Júnior, W. (2017). *Intervenção precoce no autismo*. Belo Horizonte, Artesã.

Cavalcanti, I. (2020). *Conhecendo a COVID-19*. Belém, RFB Editora.

Ciasca, S. (2015). *Transtornos de aprendizagem: neurociência e interdisciplinariedade*. Ribeirão Preto, Book Toy.

Clot, Y. (2007). *A função psicológica do trabalho*. 2. ed. Petrópolis, Vozes.

Coutinho, C. (2021). *O impacto da pandemia de COVID-19 nos transtornos alimentares e seu tratamento*. Rio de Janeiro, Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Davis, C. e Aguiar, W. (2010). *Atividade docente: transformações do professor na perspectiva da psicologia sócio-histórica*. São Paulo, ABPE.

Duarte, N. (2002). *A teoria da atividade como uma abordagem para a pesquisa em educação*, Florianópolis, Perspectiva.

Fernandes, R. (2019). *O sono normal*. São Paulo, Universidade de São Paulo.

Ferrari, P. (2012). *Autismo Infantil*. Tradução Marcelo Dias Almada. São Paulo, Paulinas.

Fitó, A. (2012). *Por que é tão difícil aprender: o que são e como lidar com os transtornos da aprendizagem*. Tradução Maria luisa Garcia Prada. São Paulo, Paulinas.

Freitas, S. (2012). *As TIC e os alunos com NEE: A percepção dos professores de educação especial em Viseu*. Dissertação de Mestrado, Universidade Católica de Portugal, Centro Regional das Beiras – Viseu, Portugal.

Gatti, B. e Barreto, E. (2009). *Professores no Brasil: impasses e desafios*. Brasília, UNESCO.

Gomes, C. (2017). *Inclusão escolar de crianças com autismo*. Belo Horizonte, PUC/Minas.

Heber, M. (2016). *Necessidades educacionais especiais*. Rio de Janeiro, Wak.

Hollerweger, S. e Catarina, M. (2014). *A importância da família na aprendizagem da criança especial*. Montevideo, IDEAU.

Izquierdo, T. (2006). *Necessidades Educativas Especiais: a mudança pelo relatório warnock*. Dissertação de Mestrado, Portugal, Universidade de Aveiro.

Konzen, E. (2020). *Evidências científicas para a origem natural do novo coronavírus*. Porto Alegre, UFRGS.

Leontiev, A. (1978). *O desenvolvimento do psiquismo*. Lisboa, Livros Horizonte.

Madureira, I. (2003). *Necessidades Educativas Especiais*. Lisboa, Universidade aberta.

Matta, I. (2011). *A importância da alimentação saudável*. Rio de Janeiro, UFRJ.

Moraes, J. e Costa, R. (2022). *Leis e Direitos de Pessoas com Transtorno do Espectro Autista: a experiência do Amapá*. Brasília, Senado Federal.

Moura, G. (2018). *Transtorno do sono: visão geral*. São Paulo, USP.

Muller, M. e Guimarães, S. (2017). *Impacto dos transtornos do sono sobre o funcionamento diário e a qualidade de vida*. Brasília, Universidade de Brasília.

Oliveira, A. e Coaglio, T. e Iquiapaza, R. (2022). *O que é a pandemia do COVID-19*. Disponível em:  
<https://www.scielo.br/j/tce/a/cgMnvhg95jVqV5QnnzfZwSQ/abstract/?lang=pt>.

Opas - Organização Pan-americana da Saúde. (2021). *Folha informativa do COVID-19*. Disponível em: <https://www.paho.org/pt/covid19>.

Quixaba, M. (2015). *A inclusão na educação*. São Paulo, Paulinas.

Repetto, G. e Rizzolli, J. e Bonatto, C. (2003). *Prevalência, riscos e soluções na obesidade e sobrepeso: Here, There, and Everywhere*. Arq Bras Endocrinol Metab [online]. vol.47, n.6, pp. 633-635.

Resende, M. (2012). *Sentidos e significados da atividade docente*. São João Del-Rei, UFSJ.

Richter, S. (2022). *Como a quarentena do COVID-19 pode afetar o sono das crianças e adolescentes*. IN: *Revista Residência Pediátrica*. Disponível em:  
<https://cdn.publisher.gn1.link/residenciapediatrica.com.br/pdf/rp130521a01.pdf>.

Sanarmed. (2021). *Linha do tempo do covid-19 no Brasil*. Disponível em:  
<https://www.sanarmed.com/linha-do-tempo-do-coronavirus-no-brasil>.

Santini, M. (2021). *Introdução ao novo coronavírus*. Rio de Janeiro, Fiocruz.

Silva, M. (2011). *Dificuldades enfrentadas pelos professores na educação inclusiva*. Brasília, Universidade de Brasília.

Silva M-RG. (2015). *Alimentação na ginástica: de pais para filhos*. Lisboa, Federação de Ginástica de Portugal/ Instituto Português do Desporto e da Juventude i.p. isbn: 978-989-8650-53-5.

Silva M-RG e Paiva T. (2016). *Neurofisiologia, patologias associadas à privação do sono e higiene do sono em crianças*. In: Santos-Rocha R, Simões V, Pimenta N (editores). *Escola Ativa – Atividade Física e Saúde em Contexto Escolar*. Rio Maior: Edições ESDRM, p. 85-94. ISBN 978-989-8768-10-0 (impressa), 978-989-8768-13-1 (digital).

Silva M-RG e Paiva T. (2015). *Sono, Nutrição, Ritmo Circadiano, Jet Lag e Desempenho Desportivo*. Lisboa, Federação de Ginástica de Portugal/Instituto Português do Desporto e da Juventude I.P. ISBN: 978-989-8650-54-2.

Silva M-RG e Paiva T e Bellotto ML. (2016). *Alimentação, nutrição e dietoterapia em crianças portuguesas*. In: Santos-Rocha R, Simões V, Pimenta N (editores). *Escola Ativa – Atividade Física e Saúde em Contexto Escolar*. Rio Maior: Edições ESDRM, p.29-45. ISBN 978-989-8768-10-0 (impressa), 978-989-8768-13-1 (digital).

Sousa, M. Wind, T. (2013). *O perfil do professor da educação infantil*. Anápolis, FCA.

Souza, A. (2019). *Fundamentos Jurídicos para a inclusão de alunos com Transtorno do Espectro Autista (TEA)*. Macapá, CEAP.

Teixeira, G. (2016). *Manual do Autismo*. Rio de Janeiro, Best-Seller.

Telles, S. (2021). *Distúrbio do sono durante a pandemia de COVID-19*. São Paulo: Universidade de São Paulo.

**ANEXOS**

**Anexo 1 – Parecer com aprovação pela Comissão de Ética da Universidade Fernando Pessoa com o nº FCS/PI – 177/21 em 12 de maio de 2021**



Universidade Fernando Pessoa

Exma. Senhora  
Prof. Doutora Sandra Gavinha  
Directora da FCS

Nº	Data
FCS/PI – 177/21	12 de Maio de 2021


Exma. Senhora Professor Doutora,

A Comissão de Ética, depois de analisado o projeto de investigação da Prof. Doutora Raquel Silva, Profª Doutora Teresa Paiva e Prof. Doutor Francisco Saavedra, intitulado "Atividade docente, alimentação e sono de professores e de alunos com necessidades educativas especiais (NEEs) antes e durante a pandemia por COVID-19 no Brasil", considera o estudo pertinente com o título e objetivos concordantes. Trata-se de um estudo quantitativo, com o objetivo geral de: avaliar a atividade e as estratégias que os professores brasileiros utilizam com os seus alunos com NEEs e conhecer os hábitos de sono e alimentares destes professores e dos seus alunos, antes e durante a Pandemia por COVID-19. Os participantes serão Professores de crianças com NEEs e alunos com NEEs no domínio cognitivo e/ou motor (com idades compreendidas entre os 6 e os 15 anos), que integrem escolas/instituições de ensino nos Estados brasileiros e aceitem participar no estudo. Estão descritos os procedimentos de acesso aos participantes e critérios de inclusão e exclusão no estudo. A recolha de dados será efetuada online através do questionário a ser criado no GoogleForms na forma de questionário a aplicar aos professores e outro ao encarregado de educação do aluno com NEEs. A confidencialidade dos dados e anonimato estão assegurados pelos investigadores.

A Comissão de Ética não tem nada a opor à realização do estudo, devendo, contudo, ser acauteladas questões relacionadas com a necessidade (ou não) de submissão à Plataforma Brasil.

Com os melhores cumprimentos,

A Presidente da  
Comissão de Ética da UFP

  
Teresa Toldy



Fundação Ensino e Cultura "Fernando Pessoa"

NIPC: 532 037 602 • Reg. Comercial nº 26 Conservatória do Registo Comercial do Porto

UNIVERSIDADE FERNANDO PESSOA (REITORIA) | FACULDADE DE CIÊNCIAS TECNOLÓGICAS | FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS  
Praça 9 de Abril, 340 - 4249-004 Porto - Portugal - T. +351 22 507 4100 - www.ufp.pt - geral@fundacaofernandopessoa.pt

[FACULDADE DE CIÊNCIAS DA SAÚDE] Rua Cordeiro da Maia, 296 - 4200-350 Porto - Portugal - T. +351 22 507 4100

ESCOLA SUPERIOR DE SAÚDE FERNANDO PESSOA  
Rua D. João de Castro, 334 - 4200-253 Porto - Portugal  
T. +351 22 525 6371 - geral@ess.fernandopessoa.pt

## Anexo 2 – Aprovação da Plataforma Brasil

FACULDADE ESTÁCIO DE  
MACAPÁ



**PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP**

**DADOS DO PROJETO DE PESQUISA**

**Título da Pesquisa:** Título do projeto: Atividade docente, alimentação e sono de professores e de alunos com necessidades educativas especiais antes e durante a pandemia por COVID-19, no Município de Mazagão no Estado do Amapá, Brasil

**Pesquisador:** CLARA RODRIGUES DO CARMO

**Área Temática:**

**Versão:** 2

**CAAE:** 44522420.0.0000.5021

**Instituição Proponente:** Fundação Ensino e Cultura Fernando Pessoa

**Patrocinador Principal:** Financiamento Próprio

**DADOS DO PARECER**

**Número do Parecer:** 4.758.133

**Apresentação do Projeto:**

Segundo a autora, o presente projeto de pesquisa apresenta o tema "Atividade docente, alimentação e sono de professores e de alunos com necessidades educativas especiais antes e durante a pandemia por COVID-19, no Município de Mazagão no Estado do Amapá, Brasil", o qual tem como objetivo geral avaliar a atividade e as estratégias que os professores brasileiros utilizam com os seus alunos com NEEs e conhecer os hábitos de sono e alimentares destes professores e dos seus alunos, antes e durante a pandemia por COVID-19. Outros objetivos mais específicos são: identificar a atividade e as estratégias que os professores brasileiros utilizam com os seus alunos com NEEs, de acordo com a sua experiência profissional e o tipo de deficiência dos alunos; conhecer os hábitos de sono e alimentares destes professores antes e durante a pandemia por COVID-19, de acordo com a idade; conhecer os hábitos de sono e alimentares destes alunos antes e durante a pandemia por COVID-19, de acordo com a idade e o tipo de deficiência e identificar possíveis associações entre as variáveis em estudo. Em termos metodológicos a pesquisa será realizada na Escola Municipal de Educação Infantil Tia Raimunda Pureza (1º ao 2º período) e Escola Estadual D. Murilo

**Endereço:** Av. José Tupinambá de Almeida, 1223

**Bairro:** Jesus de Nazaré

**CEP:** 68.908-126

**UF:** AP

**Município:** MACAPA

**Telefone:** (96)2101-5199

**E-mail:** cep.macapa@estacio.br

## FACULDADE ESTÁCIO DE MACAPÁ



Continuação do Parecer: 4.758,133

Braga (1º ao 5º ano), além dos períodos e anos a serem pesquisados, também será desenvolvida pesquisa no Atendimento Educacional Especializado (AEE) das referidas escolas. A pesquisa será bibliográfica e pesquisa de campo com aplicação de questionários e observação. A abordagem para a análise da coleta de dados será qualitativa e brevemente quantitativa.

### **Objetivo da Pesquisa:**

Avaliar a atividade e as estratégias que os professores brasileiros utilizam com os seus alunos com NEEs e conhecer os hábitos de sono e alimentares destes professores e dos seus alunos, antes e durante a Pandemia por COVID-19.

### **Avaliação dos Riscos e Benefícios:**

Riscos: Em virtude da pesquisa ser desenvolvida no decorrer da pandemia existe o risco de possível reinfecção pelo Covid 19 na pesquisadora.

Benefícios: Identificar novas estratégias Educacionais para o atendimento do Ensino Brasileiro para os alunos NEEs.

### **Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:**

Reformular os riscos e benefícios, acrescentar o objetivo do trabalho e os riscos e benefícios no TCLE.

### **Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:**

Todos os documentos foram entregues com as alterações solicitadas anteriormente

### **Recomendações:**

Reformular os riscos e benefícios da pesquisa, analisar quais são os riscos além do já citado e o que fazer para impedir que esse risco possa acontecer, acrescentar no TCLE os objetivos e os riscos da pesquisa para o participante. No caso do TCLE, seria necessário somente o TCLE para o responsável do aluno e o TCLE para o professor. Rever o cronograma

### **Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:**

Todos os documentos foram entregues com as alterações solicitadas anteriormente, porém ainda faz-se necessário providenciar:

- 1 - No TCLE, explicitar adequadamente os riscos e os benefícios;
- 2 - No TCLE, acrescentar o objetivo do trabalho;
- 3 - Atualizar o cronograma.

**Endereço:** Av. José Tupinambá de Almeida, 1223

**Bairro:** Jesus de Nazaré

**CEP:** 68.908-126

**UF:** AP

**Município:** MACAPA

**Telefone:** (96)2101-5199

**E-mail:** cep.macapa@estacio.br

FACULDADE ESTÁCIO DE  
MACAPÁ



Continuação do Parecer: 4.758.133

**Considerações Finais a critério do CEP:**

Prezada Pesquisadora,

Com base nas resoluções da CONEP 466/2012 e 510/2016, informamos que seu projeto foi considerado PENDENTE, sendo necessária apresentação dos documentos ou ajustes informados no item "Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações". Solicito que providencie e nos envie com o prazo máximo de 15 dias, para que o mesmo seja reavaliado em nossa próxima reunião do Conselho.

Atenciosamente,

A Coordenação,

**Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:**

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BASICAS_DO_PROJETO_1667524.pdf	27/05/2021 23:28:27		Aceito
Outros	parecerceufp.pdf	27/05/2021 23:22:27	CLARA RODRIGUES DO CARMO	Aceito
Outros	declaracaodeautorizaodaescolaestadualmurilobraga.pdf	27/05/2021 23:08:10	CLARA RODRIGUES DO CARMO	Aceito
Outros	declaracaodeautorizaodaescolamunicipal.pdf	27/05/2021 22:47:44	CLARA RODRIGUES DO CARMO	Aceito
Outros	declaracaodaorientadorapdf.pdf	27/05/2021 21:59:53	CLARA RODRIGUES DO CARMO	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	tclpdf03.pdf	27/05/2021 21:27:21	CLARA RODRIGUES DO CARMO	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	tclpdf02.pdf	27/05/2021 21:23:34	CLARA RODRIGUES DO CARMO	Aceito
Cronograma	cronogramapdf.pdf	27/05/2021 20:35:03	CLARA RODRIGUES DO CARMO	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	projetocompletopdf.pdf	27/05/2021 20:20:47	CLARA RODRIGUES DO CARMO	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	tclpdf.pdf	12/03/2021 21:39:54	CLARA RODRIGUES DO CARMO	Aceito

**Endereço:** Av. José Tupinambá de Almeida, 1223

**Bairro:** Jesus de Nazaré

**CEP:** 68.908-126

**UF:** AP

**Município:** MACAPÁ

**Telefone:** (96)2101-5199

**E-mail:** cep.macapa@estacio.br

FACULDADE ESTÁCIO DE  
MACAPÁ



Continuação do Parecer: 4.758.133

TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCL.pdf	12/03/2021 21:14:28	CLARA RODRIGUES DO CARMO	Aceito
Outros	declaracaodoorientadorplataformabrasil.pdf	12/12/2020 13:33:49	CLARA RODRIGUES DO CARMO	Aceito
Folha de Rosto	folhaderosto.pdf	12/12/2020 13:22:12	CLARA RODRIGUES DO CARMO	Aceito

**Situação do Parecer:**

Pendente

**Necessita Apreciação da CONEP:**

Não

MACAPA, 07 de Junho de 2021

---

**Assinado por:**  
**Maysa de Vasconcelos Brito**  
**(Coordenador(a))**

**Endereço:** Av. José Tupinambá de Almeida, 1223

**Bairro:** Jesus de Nazaré

**CEP:** 68.908-126

**UF:** AP

**Município:** MACAPA

**Telefone:** (96)2101-5199

**E-mail:** cep.macapa@estacio.br

**Anexo 3 – Declaração das Escolas pesquisadas com autorização de pesquisa**

Anexo I

Autorização da(s) instituição (ões) a que pertencem os participantes

*Pré-Escolar Tia Raimunda Parez*

Ilmo. (a) Sr.(a) Diretor(a):

*Spicel da Costa dos Santos*


*Da Escola Municipal de Educação Infantil Pré-Escolar Tia Raimunda Parez*  
Mazagão, 18 de outubro de 2020.

Assunto: Autorização para a pesquisa da Dissertação de Mestrado nas Escolas Estadual e Municipal de Mazagão - AP

Eu Clara Rodrigues do Carmo, portadora do RG nº 262715 – AP e CPF: nº388.431.292 -87, matriculada no curso de Mestrado em Ciência da Educação, pela Universidade Fernando Pessoa, estabelecida no endereço: Rua Carlos da Maia, 296, P-4200-150 Porto, Portugal com a matrícula nº39428, venho por meio desta solicitar para esta instituição de ensino autorização para realização do estudo pesquisa, onde deverá colher algumas informações como dados e entrevista aos professores das salas regulares e da sala do AEE que trabalham com alunos em turmas dos Anos iniciais do Ensino Fundamental I (1º ao 5º ano) e Ensino de Educação Infantil.( 1º ao 2º Período) com Necessidades Educativas Especiais (NEEs). (Transtorno do Espectro Autismo e autista Deficiência Intelectual).

Esta pesquisa de investigação tem por objetivo é avaliar a atividade e as estratégias que os professores brasileiros utilizam com os seus alunos com NEEs e conhecer os hábitos de sono e alimentares destes professores e dos seus alunos, antes e durante a Pandemia por COVID-19.

Na certeza de contarmos com a colaboração e empenho desta Direção, agradecemos antecipadamente a atenção, ficando à disposição para quaisquer esclarecimentos adicionais que se fizerem necessários.


  
 Assinatura do responsável da pesquisa  
*Clara Rodrigues do Carmo*  
 Clara Rodrigues do Carmo

Anexo 1

Autorização da(s) instituição (ões) a que pertencem os participantes



Ilmo. (a) Sr.( a) Diretor(a):

Marco Belo de Sousa  
Da Escola Estadual D. Murilo Braga

Mazagão, 18 de outubro de 2020.

Assunto: Autorização para a pesquisa da Dissertação de Mestrado nas Escolas Estadual e Municipal de Mazagão - AP

Eu Clara Rodrigues do Carmo, portadora do RG nº 262715 – AP e CPF: nº388.431.292 -87, matriculada no curso de Mestrado em Ciência da Educação, pela Universidade Fernando Pessoa, estabelecida no endereço: Rua Carlos da Maia, 296, P-4200-150 Porto, Portugal com a matrícula nº39428, venho por meio desta solicitar para esta instituição de ensino autorização para realização do estudo pesquisa, onde deverá colher algumas informações como dados e entrevista aos professores das salas regulares e da sala do AEE que trabalham com alunos em turmas dos Anos iniciais do Ensino Fundamental I (1º ao 5º ano) e Ensino de Educação Infantil. (1º ao 2º Período) com Necessidades Educativas Especiais (NEEs). (Transtorno do Espectro Autismo e autista Deficiência Intelectual).

Esta pesquisa de investigação tem por objetivo é avaliar a atividade e as estratégias que os professores brasileiros utilizam com os seus alunos com NEEs e conhecer os hábitos de sono e alimentares destes professores e dos seus alunos, antes e durante a Pandemia por COVID-19.

Na certeza de contarmos com a colaboração e empenho desta Direção, agradecemos antecipadamente a atenção, ficando à disposição para quaisquer esclarecimentos adicionais que se fizerem necessários.

Assinatura do responsável da pesquisa

Clara Rodrigues do Carmo

Clara Rodrigues do Carmo

RECIBO EM  
26/11/2020

Marco Belo de Sousa  
Diretor  
E.E. Dr. Murilo Braga  
Dec. nº 1353/2019-GE

Anexo 4 – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE para professores

## TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE PARA PROFESSORES

### ***Designação do Estudo:***

*Atividade docente, alimentação e sono de professores e de alunos com necessidades educativas especiais antes e durante a pandemia por COVID-19, no Município de Mazagão Município de Mazagão no Estado do Amapá, Brasil.*

*Objetivo Primário:* Avaliar a atividade e as estratégias que os professores brasileiros utilizam com os seus alunos com NEE e conhecer os hábitos de sono e alimentares destes professores e dos seus alunos, antes e durante a Pandemia por COVID-19.

*Riscos:* Em virtude da pesquisa ser desenvolvida no decorrer da pandemia para evitar o risco de contaminação pelo covid-19, a aplicação dos questionários será realizada por meio virtual, através do aplicativo de whatsApp, assim evitando contato físico e reduzindo os riscos de contágio.

*Benefícios:* Identificar novas estratégias educacionais para o atendimento do Ensino Brasileiro para os alunos NEE, assim garantindo aos alunos um ensino com maior qualidade. Também a pesquisa permitirá indicadores para Políticas Públicas educacionais, sobretudo, visando melhorar a qualidade de vida dos alunos quanto ao sono e hábitos alimentares.

**Eu, abaixo-assinado, (nome completo do participante no estudo)**

---

\_\_\_\_\_, compreendi a explicação que me foi fornecida acerca da participação na investigação que se tenciona realizar, bem como do estudo em que serei incluído. Foi-me dada oportunidade de fazer as perguntas que julguei necessárias, e de todas obtive resposta satisfatória.

Tomei conhecimento de que a informação ou explicação que me foi prestada versou os objetivos e os métodos. Além disso, foi-me afirmado que tenho o direito de recusar

a todo o tempo a minha participação no estudo, sem que isso possa ter como efeito qualquer prejuízo pessoal.

Estou ciente que a pesquisa será realizada por meio digital, por isso a pesquisa não apresentará riscos para o participante. . Por outro lado a referida pesquisa contribuirá para o desenvolvimento da aprendizagem do alunos e para a melhoria da prática docente.

Também, estou ciente que responderei ao questionário da pesquisa enviado através do aplicativo do WhatsApp e após respondido será reenviado através do mesmo aplicativo.

Foi-me ainda assegurado que os registros em suporte papel e/ou digital (sonoro e de imagem) serão confidenciais e utilizados única e exclusivamente para o estudo em causa, sendo guardados em local seguro durante a pesquisa e destruídos após a sua conclusão.

Também estou ciente dos riscos e benefícios da pesquisa apontados anteriormente. Estou ciente que este termo será assinado em duas vias, sendo que uma ficará em posse do pesquisador e a outra com esse participante.

Por isso, consinto em participar no estudo em causa.

Data: \_\_\_\_/\_\_\_\_/20\_\_

**Assinatura do participante no projeto:**

---

A Investigador responsável:

Clara Rodrigues do Carmo

**Assinatura:**

**Contatos:**(96) 991319421 – **Av:** Antonio Carpina - **Bairro:** Centro **Nº** 362 – Mazagão – Amapá – Brasil - Cep:68940.000 - **Email:** clara.lica31@gmail.com

**Anexo 5** – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE para responsáveis dos alunos

## **TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE PARA RESPONSÁVEIS DOS ALUNOS**

### **Designação do Estudo**

*Atividade docente, alimentação e sono de professores e de alunos com necessidades educativas especiais antes e durante a pandemia por COVID-19, no Município de Mazagão no Estado do Amapá, Brasil.*

*Objetivo Primário:* Avaliar a atividade e as estratégias que os professores brasileiros utilizam com os seus alunos com NEE e conhecer os hábitos de sono e alimentares destes professores e dos seus alunos, antes e durante a Pandemia por COVID-19.

*Riscos:* Em virtude da pesquisa ser desenvolvida no decorrer da pandemia para evitar o risco de contaminação pelo covid-19, a aplicação dos questionários será realizada por meio virtual, através do aplicativo de whatsApp, assim evitando contato físico e reduzindo os riscos de contágio.

*Benefícios:* Identificar novas estratégias educacionais para o atendimento do Ensino Brasileiro para os alunos NEE, assim garantindo aos alunos um ensino com maior qualidade. Também a pesquisa permitirá indicadores para Políticas Públicas educacionais, sobretudo, visando melhorar a qualidade de vida dos alunos quanto ao sono e hábitos alimentares.

**Eu, \_\_\_\_\_, abaixo-assinado (nome completo) participante no projecto \_\_\_\_\_, responsável pelo (nome completo)**

\_\_\_\_\_, compreendi a explicação que me foi fornecida acerca da sua participação na investigação que se tenciona realizar, bem como do estudo em que será incluído. Foi-me dada oportunidade de fazer as perguntas que julguei necessárias, e de todas obtive resposta satisfatória.

Tomei conhecimento de que a informação ou explicação que me foi prestada versou os objectivos e os métodos. Além disso, foi-me afirmado que tenho o direito de recusar

a todo o tempo a sua participação no estudo, sem que isso possa ter como efeito qualquer prejuízo pessoal.

Estou ciente que a pesquisa será realizada por meio digital, por isso a pesquisa não apresentará riscos para o participante. Por outro lado a referida pesquisa contribuirá para o desenvolvimento da aprendizagem dos alunos e para a melhoria da prática docente.

Também, estou ciente que responderei ao questionário da pesquisa enviado através do aplicativo do WhatsApp e após respondido será reenviado através do mesmo aplicativo.

Foi-me ainda assegurado que os registros em suporte papel e/ou digital (sonoro e de imagem) serão confidenciais e utilizados única e exclusivamente para o estudo em causa, sendo guardados em local seguro durante a pesquisa e destruídos após a sua conclusão.

Também estou ciente dos riscos e benefícios da pesquisa apontados anteriormente. Estou ciente que este termo será assinado em duas vias, sendo que uma ficará em posse do pesquisador e a outra com esse participante.

Por isso, consinto em participar no estudo em causa.

Data: \_\_\_\_/\_\_\_\_/20\_\_

**Assinatura do Responsável pelo participante no projeto:** \_\_\_\_\_

O Investigador responsável:

Clara Rodrigues do Carmo

**Assinatura:**

**Contatos:** (96) 991319421 – **Av:** Antonio Carpina - **Bairro:** Centro **Nº** 362 – Mazagão – Amapá – Brasil - Cep: 68940.000 - Email: clara.lica31@gmail.com

## Anexo 6 – Questionário de pesquisa aplicado aos professores



Universidade Fernando Pessoa  
www.ufp.pt

Projeto ProfASCOVID-19

Professores

Este projeto pretende estudar a atividade e as estratégias que os professores utilizam com alunos com necessidades educativas especiais (NEE) e conhecer os hábitos de sono e alimentares destes professores, antes e durante a Pandemia por COVID-19. O questionário é anónimo e confidencial. Desde já agradecemos a sua colaboração!

### Parte A - Dados sócio-demográficos

1. Qual a sua idade? \_\_\_\_ anos
2. Qual o seu sexo? Feminino \_\_\_\_ Masculino \_\_\_\_
3. Qual o estado civil?  
Casado/a  
Solteiro/a  
Viúvo/a  
Divorciado/a  
União de facto
4. Há quanto tempo você trabalha na educação? \_\_\_\_ anos
- 4.1. Qual o nível de ensino que você ensina?
  - Ensino fundamental 1
  - Ensino fundamental 2
  - Ensino médio
  - Educação de Jovens e Adultos
5. Qual sua formação como professor?
  - Licenciatura
  - Mestrado
  - Doutorado
  - Pós-graduação
  - Especialização

### Parte B – As perguntas são dirigidas à sua atividade como professor

6. Você trabalha com alunos que têm NEE? Sim \_\_\_\_ Não \_\_\_\_

6.1. Se sim, qual(ais)?

7. Antes da pandemia, qual era a maior dificuldade do professor da Educação Especial (*indique apenas uma/a maior dificuldade*)?

8. Você acredita que antes da pandemia, a Educação Inclusiva acontecia de fato? Sim \_\_\_\_  
Não \_\_\_\_

8.1. E porquê?

9. Antes da pandemia, o que você, enquanto professor, fazia para que seus alunos com deficiência fossem inclusos na sociedade onde vivem?

10. Você acredita que, antes da pandemia, os governantes brasileiros estavam preocupados com a Educação Especial? Sim \_\_\_\_ Não \_\_\_\_

11. Antes da pandemia, que formas você utilizava para adaptar os conteúdos para seus alunos?

12. Antes da pandemia, e em sala de aula você buscava metodologias para que alunos deficientes e os ditos normais pudessem interagir juntos? Sim \_\_\_\_ Não \_\_\_\_

12.1. Se sim, quais?

13. Como classifica a inclusão dos seus alunos com necessidades educativas especiais na escola, antes da pandemia?

**Parte C – Esta parte pretende conhecer os seus **hábitos de sono, antes e durante a Pandemia por COVID-19****

14. A que horas ou entre que horas se costumava levantar da cama ANTES do COVID?  
\_\_\_\_h\_\_\_\_min

15. A que horas ou entre que horas se costuma levantar da cama DURANTE o COVID?  
\_\_\_\_h\_\_\_\_min

16. A que horas ou entre que horas se costumava levantar da cama ANTES do COVID?  
\_\_\_\_h\_\_\_\_min

17. A que horas ou entre que horas se costuma levantar da cama DURANTE o COVID?  
\_\_\_\_h\_\_\_\_min

18. Quantas horas reais, em média, de sono "dormia mesmo" diariamente ANTES do COVID?  
\_\_\_\_h\_\_\_\_min

19. Quantas horas reais, em média, de sono "dorme mesmo" diariamente DURANTE o COVID? \_\_\_\_h\_\_\_\_min

20. Quanto tempo levava a adormecer ANTES do COVID em minutos? \_\_\_\_h\_\_\_\_min

21. Quanto tempo levava a adormecer DURANTE o COVID em minutos? \_\_\_\_h\_\_\_\_min

22. Quantas vezes acordava por noite ANTES do COVID?

23. Quantas vezes acordava por noite DURANTE o COVID?

24. Usava/ Usa despertador para acordar? Pode responder a várias respostas.

- Sim antes do COVID
- Sim durante o COVID
- Não uso despertador durante o COVID
- Nunca uso regularmente despertador

25. Tinha/ tem sonhos ou pesadelos com alguma frequência? Pode responder a várias respostas.

- Tinha pesadelos antes do COVID
- Tenho pesadelos durante o COVID
- Não tenho pesadelos
- Tinha sonhos antes do COVID
- Tenho sonhos durante o COVID
- Não sonho habitualmente

26. Como classifica a qualidade do seu sono **antes** do COVID? *Selecione um número conforme sente.*

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
---	---	---	---	---	---	---	---	---	----

27. Como classifica a qualidade do seu sono **durante** o COVID? *Selecione um número conforme sente.*

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
---	---	---	---	---	---	---	---	---	----

**Parte D** – Esta parte pretende conhecer os **seus hábitos alimentares, antes e durante a Pandemia por COVID-19**

28. Quantas refeições fazia por dia antes do COVID?

- 1
- 2
- 3
- 4
- 5 ou mais de 5

29. Quantas refeições faz por dia durante o COVID?

- 1
- 2
- 3
- 4

5 ou mais de 5

30. Qual a diferença na sua alimentação antes e durante o COVID? Durante o COVID comia mais:

- Carne ou peixe
- Alimentos processados
- Produtos de Charcutaria
- Comida já cozinhada de pronto-a-comer ou restaurantes
- Laticínios
- Ovos
- Gorduras (manteigas, óleos, etc=
- Pão, cereais, arroz, massas, etc
- Fruta e legumes
- Leguminosas
- Frutos secos
- Doces, bolachas e rebuçados
- Chocolates
- Chás ou cafés

Outro

31. Qual a diferença na sua alimentação antes e durante o COVID? Durante o COVID comia menos:

- Carne ou peixe
- Alimentos processados
- Produtos de Charcutaria
- Comida já cozinhada de pronto-a-comer ou restaurantes
- Laticínios
- Ovos
- Gorduras (manteigas, óleos, etc=
- Pão, cereais, arroz, massas, etc
- Fruta e legumes
- Leguminosas
- Frutos secos
- Doces, bolachas e rebuçados
- Chocolates
- Chás ou cafés

Outro

O questionário termina aqui. Mais uma vez, agradecemos a sua participação!

## Anexo 7 – Questionário de pesquisa aplicado aos responsáveis dos alunos



Universidade Fernando Pessoa  
www.ufp.pt

Projeto ProfASCOVID-19

Alunos

Este projeto pretende estudar os hábitos de sono e alimentares de alunos com necessidades educativas especiais (NEE), antes e durante a Pandemia por COVID-19. O questionário é anónimo e confidencial. Desde já agradecemos a sua colaboração!

### Parte A - Dados sócio-demográficos de sua/seu educanda(o)

1. Qual a idade de sua/seu educanda(o)? \_\_\_\_ anos
2. Qual o sexo de sua/seu educanda(o)? Feminino\_\_\_\_ Masculino\_\_\_\_
3. Qual o nível de ensino que sua/seu educanda(o) frequenta?
  - Ensino fundamental 1
  - Ensino fundamental 2
  - Ensino médio
  - Educação de Jovens e Adultos

### Parte B – Esta parte pretende conhecer os hábitos de sono de SUA/SEU EDUCANDA(O), antes e durante a Pandemia por COVID-19

4. A que horas se costumava levantar da cama ANTES do COVID? \_\_\_\_h\_\_\_\_min
5. A que horas se costuma levantar da cama DURANTE o COVID? \_\_\_\_h\_\_\_\_min
6. A que horas se costumava levantar da cama ANTES do COVID? \_\_\_\_h\_\_\_\_min
7. A que horas se costuma levantar da cama DURANTE o COVID? \_\_\_\_h\_\_\_\_min
8. Quantas horas reais, em média, de sono "dormia mesmo" diariamente ANTES do COVID?  
\_\_\_\_h\_\_\_\_min
9. Quantas horas reais, em média, de sono "dorme mesmo" diariamente DURANTE o COVID?  
\_\_\_\_h\_\_\_\_min
10. Quanto tempo levava a adormecer ANTES do COVID em minutos? \_\_\_\_h\_\_\_\_min
11. Quanto tempo levava a adormecer DURANTE o COVID em minutos? \_\_\_\_h\_\_\_\_min
12. Quantas vezes acordava por noite ANTES do COVID?
13. Quantas vezes acordava por noite DURANTE o COVID?
14. Usava/ Usa despertador para acordar? Pode responder a várias respostas.
  - Sim antes do COVID

- Sim durante o COVID
  - Não uso despertador durante o COVID
  - Nunca uso regularmente despertador
15. Tinha/ tem sonhos ou pesadelos com alguma frequência? Pode responder a várias respostas.
- Tinha pesadelos antes do COVID
  - Tenho pesadelos durante o COVID
  - Não tenho pesadelos
  - Tinha sonhos antes do COVID
  - Tenho sonhos durante o COVID
  - Não sonho habitualmente

16. Como classifica a qualidade do sono de sua/seu educanda(o) **antes** do COVID? *Selecione um número conforme sente.*

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
---	---	---	---	---	---	---	---	---	----

17. Como classifica a qualidade do sono de sua/seu educanda(o) **durante** o COVID? *Selecione um número conforme sente.*

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
---	---	---	---	---	---	---	---	---	----

**Parte C** – Esta parte pretende conhecer os hábitos alimentares de **SUA/SEU EDUCANDA(O)**, antes e durante a Pandemia por COVID-19

18. Quantas refeições fazia por dia antes do COVID?

- 1
- 2
- 3
- 4
- 5 ou mais de 5

19. Quantas refeições faz por dia durante o COVID?

- 1
- 2
- 3
- 4
- 5 ou mais de 5

20. Qual a diferença na sua alimentação antes e durante o COVID? Durante o COVID **comia mais:**

- Carne ou peixe
- Alimentos processados
- Produtos de Charcutaria
- Comida já cozinhada de pronto-a-comer ou restaurantes

- Leite, queijo, iogurtes
- Ovos
- Gorduras (manteigas, óleos, etc)
- Pão, cereais, arroz, massas, etc
- Fruta e legumes
- Leguminosas
- Frutos secos
- Doces, bolachas e rebuçados
- Chocolates
- Chás ou cafés
- Água
- Refrigerantes

Outro

21. Qual a diferença na sua alimentação antes e durante o COVID? Durante o COVID **comia menos:**

- Carne ou peixe
- Alimentos processados
- Produtos de Charcutaria
- Comida já cozinhada de pronto-a-comer ou restaurantes
- Leite, queijo, iogurtes
- Ovos
- Gorduras (manteigas, óleos, etc)
- Pão, cereais, arroz, massas, etc
- Fruta e legumes
- Leguminosas
- Frutos secos
- Doces, bolachas e rebuçados
- Chocolates
- Chás ou cafés
- Água
- Refrigerantes

Outro

O questionário termina aqui. Mais uma vez, agradecemos a sua participação!